GRANDES REPORTAGENS DE *PLACAR*

CRUZEIRO

- AS VITÓRIAS NA LIBERTADORES
- A ERA TOSTÃO
- OS TÍTULOS NO MINEIRÃO
- O BI DA SUPERCOPA
- 23 TEXTOS ORIGINAIS DA REVISTA

CR$ 3,90
1204-C NOV 01
12413/1
www.PLACAR.com.BR
7 893614 010755

CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

O nascimento de PLACAR coincide com uma das maiores fases da história cruzeirense: o supertime dos anos 60 e 70, que teve Tostão como símbolo, mas que sobreviveu à perda do ídolo e que também foi abençoado por nomes como Raul, Piazza, Dirceu Lopes, Zé Carlos, Palhinha, Roberto Batata e Joãozinho. Foi com a contribuição dessa geração que o Cruzeiro se tornou o primeiro time brasileiro, depois do Santos de Pelé, a conquistar a Taça Libertadores, livrando o futebol brasileiro de um complexo que se arrastava havia 13 anos. Depois dessa fase, os cruzeirenses viveram uma travessia do deserto, com títulos escassos e derrotas para o Atlético. Por acaso, foi junto com a Supercopa que renasceu a mística da camisa azul, a começar pelo título de 1991, conquistado em cima do mesmo rival de 15 anos antes, o River Plate. É essa trajetória que nossa edição especial procura contar.

P.S.: A camisa do Cruzeiro que ilustra a capa desta edição nos foi cedida por cortesia do colecionador paulista João Trinca. Ela foi vestida por Flamarion no jogo Palmeiras 1 x 1 Cruzeiro, no Pacaembu, em 4 de junho de 1978.

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor de Publicidade: Paulo Cesar Araújo
Vice-Presidente de Negócios: Giancarlo Civita

Diretor de Núcleo: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho **Diretor de Arte:** Fábio Bosquê Ruy **Redator-Chefe:** André Fontenelle **Editor de Fotografia:** Ricardo Corrêa Ayres **Editores Especiais:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fábio Volpe **Repórteres:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **Subeditor de Fotografia:** Alexandre Battibugli **Fotógrafo:** Eduardo Monteiro (RJ) **Diagramadores:** André Koguti e Crystian Cruz **Atendimento ao Leitor:** Silvana Ribeiro **Colaboraram:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** José Carlos Augusto **Nova York:** Grace de Souza **Paris:** Pedro de Souza **Rio de Janeiro:** Débora Chaves

Diretor Comercial: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor: Ricardo Packness de Almeida **Gerente de Produto:** Euvaldo Junior **Assistente de Produto:** Erica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: Diretores: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **Gerentes:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ) **Executivas de Negócios:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **Executivos de Contas:** Emiliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: Gerente de Produção: Andrea Giovanni Spelta **Coordenadores de Publicidade:** Irla Ferneda, Renato Rosante **Coordenador de Produção:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: Gerente: Auro Iasi **Consultora Financeira:** Lourdes Oliveira

Gerente Escritório Brasília: Angela Rehem de Azevedo **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor Escritório Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Representante em Portugal:** Manuel José Teixeira **Diretor de Publicidade - Classificados:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos
Diretor de Vendas: William Pereira

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5638 **Publicidade:** av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.
ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Belo Horizonte: av. do Contorno, 5919, 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003 **Blumenau:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191 **Brasília:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558 **Campinas:** r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba:** av. Cândido de Abreu, 651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110 **Florianópolis:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158 **Joinville:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax: (47) 433-2725 **Londrina:** r. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax: (43) 325-9649 **Porto Alegre:** r. dos Andradas, 1001, sl. 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3211-6744, fax: (51) 3211-6908 **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 424-3210 **Ribeirão Preto:** r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro:** Praia de Botafogo, 501, 1º and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **Salvador:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996 **Vitória:** av. Rio Branco, 304, 2º and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 325-3329
ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: Nova York: 104 West 27th Street, 11th floor, New York, N.Y. 10001, tel.: (1-212) 924-0001, fax: (1-212) 929-5157, e-mail: abril@walrus.com **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

EDITORA ABRIL: Interesse Geral: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante, Web **Negócios:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **Femininas:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Anamaria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **Masculinas:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **Turismo e Aventura:** Viagem e Turismo, National Geographic **Guias:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **Infanto-Juvenis:** Ação Games, Recreio, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **Abril Multimídia:** Livros Ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **Anuários:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
Editora Caras, Editora Símbolo, Abril Controljornal/Edipresse, em Portugal, Editorial Primavera, na Argentina
Internet: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, @jato **Entretenimento:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **Educação:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1201 (ISSN 0104-1762), ano 32/nº 31, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

ANER

www.abril.com.br

Presidente e CEO: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidentes: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

NAQUELA ÉPOCA, CADA VEZ QUE CRUZEIRO E SANTOS se enfrentavam, era garantia de espetáculo. Este jogo, pela Taça de Prata de 1970, foi um dos melhores da série, mesmo sem Pelé

UM SHOW? NÃO, É UM JOGO DE DEUSES

Cruzeiro 1 x 1 Santos, domingo no Mineirão, pode ser resumido assim: 90 minutos dos mais fantásticos da história do futebol

>> POR ARTHUR FERREIRA

As 50 513 pessoas que encheram as arquibancadas do Mineirão, domingo, puderam assistir a uma grande partida de futebol, mesmo sem o brilho da coroa de Pelé ou daquela característica de show que têm todos jogos entre Santos e Cruzeiro.

Quando o técnico Antoninho, do Santos, entregou a camisa 10 ao menino Nenê, as regras do jogo mudaram. Os jogadores que ali estavam com as camisas alvinegras respeitaram a ausência de Pelé e não cometeram o pecado de tentar realizar um show de futebol — limitaram-se a jogá-lo apenas.

Mas, no gol santista, pulando dentro daquele uniforme negro, um goleiro desconhecido em Minas assombrava a torcida do Cruzeiro, fazendo lembrar muito a imagem de Iashin, o Aranha Negra, um dos maiores goleiros do mundo. Era Cejas, estreando no time de Pelé. E Tostão, como prometera, voltou a jogar seu futebol de sempre, inteligente, brilhante, destacando-se no meio do futebol de tantos craques. E Clodoaldo? Espalhou seu futebol por todo o gramado do Mineirão, destruindo, armando, atacando e defendendo.

O suposto cansaço do Santos, provocado por sucessivas viagens e jogos, em nenhum minuto do jogo diminuiu a força de seu ritmo. O Cruzeiro, também time de craques, jogou como o adversário, fazendo a bola rolar pelo campo com o mesmo respeito e a mesma habilidade. Eram 22 deuses do futebol no Mineirão, tão iguais que se diferenciavam apenas pela cor das camisas. O desequilíbrio deveria ser Pelé. Mas ele não jogou.

Este era o terceiro jogo de Brito no Mineirão — e até ali a torcida do Cruzeiro não havia tido dele o mínimo motivo para queixas. Mas bem que Brito poderia ter tirado aquela bola da área, antes que ela chegasse aos pés de Piazza e daí fosse aos pés de Nenê. Ele não tirou, e ali nasceu o primeiro gol do jogo: Santos 1 x 0, Nenê.

Mas foi exatamente carregando esse sentimento de culpa que o sr. Hércules Brito Ruas, 31 anos, tricampeão do mundo, partiu para o ataque e ajudou o Cruzeiro a encontrar o empate. Havia uma falta na intermediária, no estilo de Tostão cobrar, no lado certo de Tostão cobrar. E Tostão estava lá, ao lado da bola. Mas Brito veio correndo lá de trás, gritando, e ameaçou chutar na corrida.

E todos se prepararam para o chute de Brito. Toda a defesa do Santos, inclusive Cejas. Mas quando eles perceberam que o chute não seria de Brito já era tarde: o raciocínio de Tostão havia sido mais rápido, o toque saiu, sutil — e a bola foi, desconcertante e mansamente, cair nas redes de Cejas, o homem que até ali assombrava o Mineirão. Tostão sorriu, correu, ergueu os braços para Brito, os dois se abraçaram e o Mineirão se levantou para aplaudir.

E até depois do jogo, nos vestiários, aquele lance era comentado. Por Filpo Núñez, por Tostão, pelos outros jogadores. Ninguém no Cruzeiro havia ensaiado aquela jogada. Ela figurou, apenas, como parte de tantas outras realizadas ali, na presença de 50 513 pessoas, naquele empate de campeões do mundo.

"ERAM 22 DEUSES DO FUTEBOL NO MINEIRÃO, TÃO IGUAIS QUE SE DIFERENCIAVAM APENAS PELA COR DAS CAMISAS. O DESEQUILÍBRIO DEVERIA SER PELÉ. MAS ELE NÃO JOGOU"

27/9/70 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 1 X 1 SANTOS
J: José Aldo Pereira (GB); **R:** Cr$ 218 155; **G:** Nenê e Tostão
CRUZEIRO: Raul, Pedro Paulo, Brito, Piazza e Vanderlei; Zé Carlos e Dirceu Lopes; Natal, Evaldo (Eduardo), Tostão e Hílton Oliveira (Rodrigues). **T:** Filpo Núñez
SANTOS: Cejas, Carlos Alberto Torres, Ramos Delgado, Djalma Dias e Turcão; Clodoaldo e Lima; Manoel Maria, Douglas (Picolé), Nenê e Abel (Léo). **T:** Antoninho

Tostão e Djalma Dias: duas feras num jogo inesquecível

MUITO ANTES DE ROMÁRIO, outro craque do futebol brasileiro já brilhava com o apelido de Baixinho: Dirceu Lopes, herói ausente da decisão do título mineiro naquele ano

A VITÓRIA DE DIRCEU

O maior jogador do título conquistado pelo Cruzeiro não pegou na bola, não deu um chute, não tinha pernas

>> POR ARTHUR FERREIRA

Enquanto Dirceu Lopes jogar, só deseja uma coisa: participar de todas as partidas decisivas. Ficar de fora machucado, ver os companheiros atrás da bola, não poder colaborar para a vitória, é o sofrimento maior que o futebol pode lhe oferecer. Foi tudo isso que ele compreendeu no dia 7 de setembro, quando, sentado no banco do Cruzeiro, viu seus companheiros ganharem mais um título de campeões mineiros.

— Olha lá o Piazza, correndo demais. Bem que eu poderia fazer aquela triangulação. Acho que dava certo.

Ao comentar cada lance, a luta dos companheiros, Dirceu Lopes tinha uma convicção: o Cruzeiro não perderia a decisão para o Atlético. Ele não sabia explicar o motivo de tanta confiança, mas alguma coisa lhe segredava que as bandeiras estreladas continuariam por cima, como afirmou no dia em que Cruzeiro, Atlético, América e Atlético de Três Corações começaram a disputar o título.

— Boa, Palhinha. Vai em frente, procure o gol, como nos treinos.

Palhinha parecia ouvir o pedido de Dirceu. Palhinha estava no lugar exato quando Roberto Batata, de cabeça, entregou-lhe uma bola redondinha. Era o primeiro gol do Cruzeiro. Dirceu Lopes não se conteve e deu um salto. Nem parecia estar com a perna direita engessada.

— Eu falei, eu falei. O Cruzeiro vai ser o campeão.

O médico Neilor Lasmar lhe pedia calma, que ficasse quieto.

— Só agora dou razão à torcida. Ser torcedor é sofrer demais. Não posso me conter, doutor. Meus companheiros estão na guerra, preciso ajudar.

Dirceu daria o que lhe parecia o grito decisivo de vitória no segundo tempo. O Cruzeiro dominava o jogo, mas, no lance mais bonito até então, Serginho chuta. A bola bate no travessão e já vai entrando, quando Darci Meneses aparece para cortar sua trajetória.

O grito de Dirceu foi em vão. Dario pega a sobra e, de meia bicicleta, empata a partida. Os jogadores do Cruzeiro ficam desolados, mostram-se meio perdidos em campo. Capenga, Dirceu se levanta e grita:

— Piazza, fale com eles que hoje é dia de vitória. De vitória, Piazza!

Não foi preciso Piazza falar nada. O grito de Dirceu parece ter explodido no Mineirão. Os companheiros olham para ele, pedem que ele se acalme, que espere.

Aos 9 minutos do segundo tempo da prorrogação, a vitória de Dirceu Lopes. Eduardo, arma secreta de Hílton Chaves, cobra um córner na medida, como sempre faz nos treinos. Novamente Palhinha está no lugar certo. Mazurka, desesperado, vai buscar no fundo das redes a bola cabeceada pelo atacante. A torcida do Atlético sente a derrota.

— Torço demais pelo Palhinha. Ele precisava desse gol.

Agora, a briga. Dario tenta atingir Lima. O jogo pára durante cinco minutos. A bola volta a rolar. Dirceu olha mais os ponteiros do relógio. Sílvio Davi apita pela última vez.

Ninguém combinou coisa alguma, mas a violência que tirara da final o maior jogador mineiro merecia uma resposta à altura. E o Mineirão em peso gritava: "Dirceu é campeão", "Dirceu é campeão!"

Carregado pelos companheiros, Dirceu dá a volta olímpica. Perna quebrada pela violência dos que não sabem que futebol é amor à bola, Dirceu mais do que nunca esteve dentro de campo correndo contra o Atlético.

"O JOGO FOI UMA LOUCURA, AO QUAL NÃO FALTARAM LANCES DE HEROÍSMO. NUM JOGO ASSIM, O DONO DA CASA GERALMENTE LEVA VANTAGEM"

7/9/72 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 2 X 1 ATLÉTICO
J: Sílvio Davi; **P:** 63 011; **G:** Palhinha 36 do 1º; Dario 28 do 2º; Palhinha 9 do 2º tempo da prorrogação
CRUZEIRO: Hélio, Lauro, Darci Meneses, Fontana e Vanderlei; Piazza e Zé Carlos; Roberto Batata, Luís Carlos (Eduardo), Palhinha e Lima. **T:** Hílton Chaves
ATLÉTICO: Mazurkiewicz, Oldair, Raul Fernandes, Vantuir e Cláudio; Vanderlei e Toninho; Guerino (Serginho), Dario, Lola e Romeu. **T:** Telê Santana

Palhinha: no lugar certo para fazer o gol do título

O ESTADUAL DE 1973 FOI DECIDIDO EM UMA RODADA DUPLA, entre os times que disputavam o quadrangular final. Na preliminar, o América derrotou o Uberaba. O Cruzeiro precisava vencer para ser campeão. Com aquele time, era fácil

A NOVA ERA DO CRUZEIRO

O time estava disposto a acabar com a história de 1970 e 1971, quando, embora apontado como o melhor time mineiro, deixou que América e Atlético ganhassem os títulos

POR ARTHUR FERREIRA

Carnaval das portas do Mineirão até o Barro Preto. E, estranhamente, volta e meia uma marcha fúnebre. Para marcar a alegria do Cruzeiro, o carnaval; para azucrinar os torcedores americanos e atleticanos, a marcha fúnebre.

Tudo foi muito fácil para o Cruzeiro. Logo aos 6 minutos, Zé Carlos recebeu na intermediária, deixou Vantuir na saudade e entregou para Dirceu Lopes. O Baixinho olhou para Mussula e tocou a bola, para o goleiro sair catando cavaco, desesperado: 1 x 0.

Os cruzeirenses sentiram que naquele momento o time marcava encontro com seu destino: "É campeão! É campeão!"

Do outro lado, duas reações diversas. Os atleticanos, tristes, mas conformados; os americanos, simplesmente desesperados — eles esperavam uma derrota do Cruzeiro para serem os campeões, ou, no mínimo, um empate, o que lhes permitiria sair para uma decisão extra.

A primeira surpresa do espetáculo duplo do Mineirão: a presença de 5 mil torcedores do Uberaba, com muitas bandeiras. A bola começou a rolar e o América, com toda calma, a tentar vencer a retranca de Juquita. O Uberaba marcou bobeira e Rangel conferiu. Depois disso, o América mostrou que as armas de um feiticeiro podem ser usadas contra ele: catimbou, plantou-se na defesa, usou contra-ataques, o diabo. Ao fim, o pássaro do velho Juquita estava jururu e, outra surpresa, da torcida do América explodia um grito formidável: GALÔ!

Pena que as esperanças americanas tenham durado tão pouco. O gol de Dirceu Lopes foi aquele cartão de visitas. Mostrou que o Cruzeiro estava disposto a acabar com a história de 1970 e 1971, quando, embora apontado como o melhor time mineiro, deixou que América e Atlético ganhassem os títulos.

O Atlético lutou muito para complicar a vida do Cruzeiro, que rolou a bola com toda tranqüilidade, certo de sua superioridade. Deu para ver que o Atlético não anda lá essas coisas — o que lhe sobra em raça falta-lhe em futebol. Por isso mesmo o Cruzeiro venceu com todos os méritos.

"O BAIXINHO OLHOU PARA MUSSULA E TOCOU A BOLA, PARA O GOLEIRO SAIR CATANDO CAVACO, DESESPERADO: 1 X 0"

19/8/73 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 1 X O ATLÉTICO
J: Arnaldo César Coelho (GB); **R:** Cr$ 443 685,00; **G:** Dirceu Lopes 6 do 1º
CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Perfumo, Darci Meneses e Vanderlei; Piazza e Zé Carlos; Eduardo (Roberto Batata), Palhinha, Dirceu Lopes e Joãozinho (Baiano). **T:** Hílton Chaves
ATLÉTICO: Mussula, Zé Maria, Normandes, Vantuir e Cláudio; Vanderlei e Bibi; Arlem, Campos (Paulinho), Pedrilho e Rodrigues (Romeu). **T:** Paulo Benigno

CELIO APOLINÁRIO

Zé Carlos se estica entre
Arlem e Danival

A FRUSTRAÇÃO PELA PERDA do título nacional em agosto foi compensada pelo tricampeonato mineiro, numa rotina que já estava se tornando monótona

É CRUZEIRO, É TRICAMPEÃO

Vanderlei o perseguia pelo campo todo e Cláudio recebeu ordem de Telê para fazer o mesmo. Mas quando se trata de Dirceu Lopes qualquer tática é utopia

>> **POR ARTHUR FERREIRA**

O bom toque de bola, a cadência de jogo e a experiência de jogadores como Raul, Zé Carlos e Dirceu Lopes (como previra Wilson Piazza na quinta-feira) liqüidaram o jovem time do Atlético, que não teve calma suficiente para se livrar dos momentos difíceis. Cruzeiro 2 x 1. Cruzeiro tricampeão.

A semana que antecedeu o jogo teve muita catimba, muita guerra de boca. E isso serviu para aumentar na torcida a fome de emoções. Resultado: a renda foi recorde no Mineirão (em jogos de campeonato).

O juiz Maurílio José Santiago teve uma intoxicação e, na hora de escolher um substituto (ele seria bandeirinha), a guerra recomeçou entre os cartolas. Decidiu-se então por um sorteio, do qual saiu escalado Joaquim Gonçalves para auxiliar Sílvio Davi.

O Cruzeiro entrou em campo com o mesmo time que Hílton Chaves havia anunciado durante toda a semana, mas Telê, que tinha dúvidas entre o jovem Marcelo e o experiente Vanderlei, colocou o mais novo no banco e o outro no campo.

O técnico do Atlético só queria uma coisa: que parassem Dirceu Lopes. Por isso Vanderlei o perseguia pelo campo todo e Cláudio recebeu ordem de Telê para fazer o mesmo. Mas quando se trata de Dirceu qualquer tática é utopia.

Aos 43 minutos, depois de um começo de jogo cruzeirense e o resto equilibrado, Dirceu armou uma jogada com Palhinha e jogou lá dentro. Mas Joaquim Gonçalves marcou impedimento.

O jogo estava sensacional, com ataques dos dois lados. Raul, fabuloso, fez quatro grandes defesas, em chutes de Dario (2), Vanderlei e Paulinho. Do outro lado, houve dois gols anulados (o de Dirceu e outro de Nelinho, também por impedimento), três grandes defesas de Careca e uma bola que Campos tirou quando ia entrando. Pobre Campos, o chute era de Nelinho. Ele foi atendido fora do campo.

No segundo tempo, o Cruzeiro deu números ao jogo. Dirceu Lopes, apesar do aparato à sua volta, entrou pela direita e cruzou — Joãozinho meteu a testa, com a força de um chute: 1 x 0. Aos 19 minutos, Flávio, na sua inexperiência, meteu a sola em Palhinha, que levou dez pontos na perna. Flávio foi expulso, entrou Marcelo e o Atlético se perdeu de vez. Aos 29 minutos, Vanderlei driblou dois na área, chutou de pé direito e fez 2 x 0.

O gol do Atlético só saiu aos 38 do segundo tempo, com Vanderlei recebendo cruzamento na entrada da área, levando a bola e cobrindo Raul.

O carnaval foi noite adentro, mas meio sem jaça: a charanga está brigada com o clube, não compareceu. E afinal, este é seu oitavo título, entre os dez disputados no Mineirão.

"CAMPOS TIROU A BOLA QUANDO IA ENTRANDO. POBRE CAMPOS, O CHUTE ERA DE NELINHO. ELE FOI ATENDIDO FORA DO CAMPO"

15/12/74 MINEIRÃO (B. HORIZONTE)

CRUZEIRO 2 X 1 ATLÉTICO

J: Sílvio Davi; **R:** Cr$ 1 108 471; **P:** 109 363; **G:** Joãozinho 14, Vanderlei (Cruzeiro) 29, Vanderlei (Atlético) 38 do 2º; **E:** Flávio 20 do 2º

CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Morais, Darci Meneses e Vanderlei; Zé Carlos e Eduardo; Roberto Batata, Palhinha (Baiano), Dirceu Lopes e Joãozinho (Moacir).

T: Hílton Chaves

ATLÉTICO: Careca, Getúlio, Grapete, Silvestre e Flávio; Toninho (Marcelo) e Vanderlei; Arlem, Campos, Dario e Paulinho (Cláudio). **T:** Telê Santana

Cerezo e Palhinha: duelo de dois grandes do futebol mineiro

O ESTADUAL DAQUELE ANO FOI CONFUSO e só terminou no ano seguinte. O time chegou ao último jogo com a vantagem do empate contra o Atlético. Nem precisou: venceu por 1 x 0

CRUZEIRO VENCE, BRANDÃO E É TETRA

Ao Cruzeiro bastava um empate — uma vantagem que já fora do adversário e que o Atlético não soube aproveitar

>> POR SÉRGIO A. CARVALHO

Nelinho e Palhinha, craques consagrados, certamente fariam mais falta que o promissor Getúlio. Por isso o Cruzeiro insistiu, esperneou, exigiu a liberação dos jogadores cedidos à Seleção. A CBD fez-se de moça difícil: negou e negou. Mas deu a licença.

Nelinho, Palhinha e Getúlio jogaram só um pouquinho no sábado, em Brasília, e correram para a decisão do Campeonato Mineiro de 1975 — tão atrasado exatamente porque Minas bancou a Seleção no Sul-Americano do ano passado (e, que ninguém nos ouça, por causa da desorganização e do tapetão).

De um jeito ou de outro, estava armada a festa, com um milhão de renda. Se Nelinho jogou mal e apenas meio tempo, Getúlio e Palhinha foram elementos cruciais da partida: um não mostrou, na marcação ao ponteiro Joãozinho, as qualidades que Brandão admira; outro superou o próprio cansaço para cabecear o centro que veio da linha de fundo e marcar o gol da vitória.

Vitória desnecessária. Ao Cruzeiro bastava um empate — uma vantagem que já fora do adversário e que o Atlético não soube aproveitar.

O jogo, ao contrário do anterior, foi calmo: nada de pau. Mas também, nada de exageros na técnica. Nos primeiros minutos, os passes errados do Atlético eram respondidos com tabelas perfeitas do Cruzeiro. Só aos 23 o Atlético teve uma jogada perigosa — e encontrou seu jogo, passando a pressionar. Joãozinho, que até ali passava bem por Getúlio, não encontrava mais continuidade para suas jogadas.

A necessidade da vitória é, às vezes, má conselheira. O Atlético voltou para o segundo tempo com todo o vapor. Raul já tinha feito duas boas defesas quando, caminhando o ponteiro para os 10 minutos, Joãozinho recebeu uma bola na esquerda, bem aberto na lateral. Jogada típica de ponteiro: driblou Getúlio, aproveitou o quique da bola para cortar Márcio, que vinha na cobertura, foi à linha de fundo, olhou e levantou a bola na cabeça de Palhinha; o goleiro Careca titubeou, não saiu e Palhinha tocou tranqüilo para o fundo das redes. Gol da vitória. Gol do tetra.

A torcida do Cruzeiro começou a festejar ali, naquela hora. Atlético precisava fazer dois gols para tirar o título do Cruzeiro. Quem poderia acreditar? Não no Mineirão.

Bem que o Atlético tentou, com a qualidade de seu novo time e a garra nunca desmerecida. Reinaldo quase empatou logo depois, passando no meio de um cipoal de pernas, mas Raul defendeu firme no chão. Como superar a tranqüilidade, a experiência de um Jairzinho — que, vantagem consumada, abandonou o ataque para ajudar o meio-campo e a defesa a suportarem a desordenada pressão do Galo? No fim, o Atlético estava convencido de que tentava quando muito o empate, apenas, para jogar um pouco de água no chope da festa do Cruzeiro.

Nem isso foi possível. A torcida invadiu o campo, carregou jogadores e cartolas. Até o comedido Zezé Moreira entrou na brincadeira:

— Eu não, eu não tenho nada com isso. Este campeonato é de 75 e eu peguei o time já classificado, do jeito que está. O mérito é dos rapazes; eu não tenho nada a ver com isso.

Tem, embora, como cantava a torcida, "o Galo é freguês".

"A TORCIDA DO CRUZEIRO COMEÇOU A FESTEJAR ALI, NAQUELA HORA. ATLÉTICO PRECISAVA FAZER DOIS GOLS PARA TIRAR O TÍTULO DO CRUZEIRO. QUEM PODERIA ACREDITAR? NÃO NO MINEIRÃO"

22/2/76 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 1 X 0 ATLÉTICO
J: Maurílio José Santiago; **R:** Cr$ 1 073 631; **P:** 86 365; **G:** Palhinha 10 do 2º
CRUZEIRO: Raul, Nelinho (Isidoro), Morais, Darci Meneses e Vanderlei; Zé Carlos e Eduardo; Roberto Batata, Jairzinho, Palhinha (Eli) e Joãozinho. **T:** Zezé Moreira
ATLÉTICO: Careca, Getúlio, Márcio, Vantuir e Silvestre; Toninho Cerezo e Danival (Alfredo); Arlem (Marcelo), Paulo Isidoro, Reinaldo e Romeu. **T:** Iustrich

Palhinha e Joãozinho: contra eles o Atlético não tinha vida mansa

UM JOGAÇO PELA LIBERTADORES. Vingando-se da derrota na decisão do Brasileiro, o time partia para a conquista do título sul-americano

O ESTONTEANTE JOGO DA LIBERDADE

Que beleza uma vingança assim! Foram nove gols, premiando não só a garra e a técnica do Cruzeiro, mas também as do Internacional. E mais: premiando a torcida, que vê nosso futebol recuperar a liberdade de atacar. Que beleza!

>> POR ARTHUR FERREIRA E DIVINO FONSECA

Para a turma do Cruzeiro, o jogo cairia na medida como uma boa e definitiva vingança da derrota que lhe custou o título do Campeonato Brasileiro de 1975 (1 x 0 para o Inter, no Beira Rio). Para os gaúchos, a confirmação do título e da condição de melhor equipe nacional da atualidade. Portanto, muito correto que se aguardasse um grande jogo, domingo, no Mineirão — mas o que aconteceu acabou superando qualquer expectativa, mesmo a mais otimista.

Aos 3 minutos e meio, gol do Cruzeiro. Nelinho cobrou uma falta da intermediária, lançando Joãozinho pela esquerda. O ponta cruzou para trás e Palhinha se antecipou a Figueroa, tocando por baixo do corpo de Manga.

Aos 10, segundo gol mineiro. Nelinho lançou Palhinha pelo alto, mas Figueroa dominou a jogada, matando a bola no peito. Só que, ao tentar atrasar para Manga, foi menos rápido que Palhinha.

Fora o chutão de Escurinho, logo no começo, o Inter não levava perigo ao gol de Raul — até que, aos 14 minutos, de fora da área, Lula acertou o pé numa bola que entrou no ângulo.

Aos 21 minutos, Joãozinho cortou um passe errado de Figueroa para Cláudio, entrou na área, enganou Figueroa e emendou forte, cruzado, no canto esquerdo de Manga: 3 x 1. O placar não desanimou o Inter — nem acomodou o Cruzeiro. Mas só por volta dos 40 minutos o Inter conseguiu diminuir a contagem. Lula passou por Morais, na linha de fundo, e cruzou rasteiro para Valdomiro dominar e chutar, sem chance para Raul.

No segundo tempo, o Inter entrou com tudo e, logo aos 6 minutos, Falcão deu na direita para Valdomiro, que cruzou forte, a meia-altura, em direção à área. Zé Carlos tentou interceptar o lance e acabou atirando contra as próprias redes.

Cada vez mais os gaúchos se mostravam dispostos a correr e a lutar. As coisas pareciam que iriam se complicar ainda mais pelo lado mineiro quando Palhinha foi expulso. Só que, com dez jogadores, o Cruzeiro passou a se superar, surpreendendo um adversário que parecia ter tudo para chegar à vitória. Mas foi o Inter que sentiu dificuldades em atacar, pois Jairzinho, Joãozinho e Roberto Batata voltavam constantemente, numa demonstração fora do comum de espírito de luta, a ponto de, em determinado instante, Jair e Joãozinho tomarem juntos uma bola que Caçapava havia dominado na intermediária, resultando no quarto gol mineiro. Jairzinho avançou e deu na medida para Joãozinho marcar.

Vacaria pingou alto uma bola sobre a pequena área, encontrando Escurinho no outro lado da baliza, junto à linha de fundo. O atacante cabeceou para trás, cobrindo Raul e Morais. Ramón, que havia entrado no lugar de Flávio, não teve muito trabalho, tocando também de cabeça no canto direito vazio.

O cronômetro estava alcançando a marca dos 40 minutos, quando Nelinho bateu o pênalti, enviando a bola para a direita e Manga para o lado oposto, decretando, então, a vitória para um dos lados, o do Cruzeiro, o do mais forte.

Zé Carlos, já sem lamentar o gol contra, repetia a todo instante: "Esta foi a partida mais brilhante que já vi em toda a minha carreira no Cruzeiro."

Um locutor de outro estado fazia força para convencer a quem estava do outro lado do seu microfone: "Não, não foi decisão por pênaltis; os gols saíram durante o jogo mesmo."

"AS COISAS PARECIAM QUE IRIAM SE COMPLICAR AINDA MAIS QUANDO PALHINHA FOI EXPULSO. SÓ QUE, COM DEZ JOGADORES, O CRUZEIRO PASSOU A SE SUPERAR"

7/3/76 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 5 X 4 INTERNACIONAL
J: Luís Pestarino (Argentina); **R:** Cr$ 793 407; **P:** 65 463; **G:** Palhinha 4 e 10, Lula 15, Joãozinho 21 e Valdomiro 39 do 1º; Zé Carlos (contra) 6, Joãozinho 17, Ramón 25 e Nelinho (pênalti) 40 do 2º; **CA:** Hermínio, Cláudio, Figueroa e Vacaria; **E:** Palhinha 12 do 2º
CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Morais, Darci Meneses e Vanderlei; Zé Carlos e Eduardo; Roberto Batata (Isidoro), Jairzinho, Palhinha e Joãozinho. **T:** Zezé Moreira
INTERNACIONAL: Manga, Cláudio (Valdir), Figueroa, Hermínio e Vacaria; Caçapava e Falcão; Valdomiro, Escurinho, Flávio (Ramón) e Lula. **T:** Rubens Minelli

Jairzinho, comemorando um dos gols ou ajeitando para bater: rumo ao título da Libertadores

UM ACIDENTE DE CARRO CHOCOU O BRASIL: nele morreu o talentoso ponta-direita cruzeirense, interrompendo uma carreira promissora

ADEUS, ALEGRIA

A camisa 7 foi junto com Roberto Batata. Ninguém a usara com a mesma garra, a mesma alegria. E Eduardo herdará a vaga mais triste da história do clube

POR SÉRGIO A. CARVALHO

O jogo estava difícil. A defesa do Alianza se fechou, se desdobrou e conseguiu parar o ataque do Cruzeiro no primeiro tempo. Zero a zero. Zezé Moreira conversou com os jogadores no intervalo. Não apontou o caminho do gol. Apenas mandou que todos jogassem certo. Como estavam habituados, sem perder a calma.

A retranca continua armada, segurando o Cruzeiro. Até que, aos 17 minutos, Roberto Batata vai para o meio do ataque. Recebe de Palhinha e chuta no ângulo. Pronto, o Cruzeiro encontrou o caminho do gol.

Depois disso foi fácil. Joãozinho fez o segundo e o terceiro, Jairzinho o quarto, quando Batata já estava no vestiário substituído em campo por Isidoro. Comentava seu gol:

— O lateral deles é um carrapato. O rapaz marca bem e eu tive de me virar. Tinha liberdade para me deslocar para o meio. Fui. Recebi a bola do Palhinha, deixei pra direita e chutei alto. O goleiro deles estava meio avançado e não conseguiu pegar. A bola subiu mesmo. E entrou no ângulo.

Roberto Batata não sabia. Ninguém sabia, ninguém podia imaginar. Mas foi a última bola que mandou para as redes. Na volta ao Brasil, nas quatro horas e meia até o Rio, ele reclamava. Tinha pressa, que a saudade da mulher Denise e do filho Leonardo era grande. No entanto, teve de esperar duas horas, sentado num carrinho de bagagem no terminal doméstico.

Às 11h do dia 13, quinta-feira, o Cruzeiro chegava enfim, festivo, a Belo Horizonte. Roberto Batata foi para casa. A mulher e o filho estavam em Três Corações. Almoçou, telefonou para o pai, Geraldo Monteiro:

— Vou buscar Denise em Três Corações.

Ouviu uma advertência, quase um pedido:

— Por que não telefona e pede a ela que venha de ônibus? Você está cansado, meu filho.

Mas Roberto já fizera coisa parecida, muitas vezes. No fim de um jogo, de volta de uma viagem, pegava o carro e ia para Juiz de Fora — quando Denise morava lá — ou Três Corações, onde está sua família. Ligou o Chevette verde, entrou na Fernão Dias.

No quilômetro 182, perto de Santo Antônio do Amparo, a 111 quilômetros de Três Corações, Roberto saiu de sua pista. Vinham dois caminhões. Bateu no primeiro. Perdeu o controle. E bateu de frente no segundo. E foi o fim. Instantâneo. Explicação? Foi driblado pelo sono — diziam.

O velho Geraldo, 65 anos, curtiu muitos sofrimentos. Outro filho, o Geraldo que jogava no Washington Whips dos Estados Unidos, morreu em 1971, quando saltava sobre um rio congelado para fugir do incêndio do prédio em que morava. Em 1972, perdeu a mulher — quando Roberto estava longe, no Recife, para um jogo do Campeonato Brasileiro.

— Tive sete filhos. Roberto era o caçula. Como jogador podem ter existido muitos como ele. Como filho, poucos.

Aos 27 anos, Roberto Monteiro, alegria do Cruzeiro, foi enterrado no cemitério do Bonfim, em sua cidade, Belo Horizonte.

"NO FIM DE UM JOGO, DE VOLTA DE UMA VIAGEM, PEGAVA O CARRO E IA PARA JUIZ DE FORA OU TRÊS CORAÇÕES. LIGOU O CHEVETTE VERDE, ENTROU NA FERNÃO DIAS"

Contra o Goiás, em outubro de
1975: Roberto deixou saudade

O MASSACRE NO MINEIRÃO (4 x 1) abriu as portas para a conquista da Libertadores. Mas Zezé Moreira sabia que o último jogo, no Monumental de Núñez, seria um desafio

O CHEIRINHO DA GLÓRIA

No Mineirão foi fácil. Era jogar nas costas de Perfumo e mandar para as redes

>> POR SÉRGIO A. CARVALHO

Com a cara mais séria deste mundo, o jornalista brasileiro se aproximou de Angel Labruna, mal encerrada a partida de quarta-feira da semana passada, no Mineirão: "Qual foi, em sua opinião, o setor de maior destaque no time do Cruzeiro?"

Quem mandou arriscar tal pergunta? Certamente o repórter desconhecia a personalidade do técnico do River Plate, homem de saídas rápidas, costumeiramente curto e grosso em suas respostas:

— O jogo não terminou 4 x 1 para o Cruzeiro? Então, gostei mais do ataque.

Fim de papo. E também pra que mais? Mesmo porque antes da partida o folclórico treinador já havia comentado a respeito: "Sei que o forte do Cruzeiro é o ataque. Só lamento que iremos enfrentá-lo sem Passarella, um homem fundamental no nosso esquema, defensivo. Ele e Perfumo são quase perfeitos, um fazendo a cobertura do outro, Passarella fazendo a cobertura de todos."

Nesta quarta-feira, diante de um público que lotará o Colosso de Núñez e que certamente passará o tempo inteiro a exigir vingança, o duelo Palhinha x Perfumo se repetirá, "mas de uma forma bem diferente", garantem os argentinos, lembrando que Passarella estará guardando as costas do seu companheiro de zaga.

Outro ponto a ser explorado pelo time brasileiro no segundo jogo poderá ser a ausência de Fillol, um dos maiores goleiros da Argentina e que só não está na Seleção porque brigou com o técnico Menotti. Fillol se contundiu aos 33 minutos do primeiro tempo num choque com Palhinha e dificilmente se recuperará a tempo.

A dica é de um jornalista argentino, presente ao Mineirão:

— Fillol é titular do River há dois anos. Durante todo esse tempo, só ele jogou. Landaburu, seu reserva, além de tudo é fraco, principalmente nas saídas de gol. Um fracasso em bolas altas. Pior, seu sentido de colocação não existe.

A contar pelas atitudes e palavras do seu técnico, os jogadores também não deverão se envolver em problemas antidesportivos no campo. Um técnico que se dispôs, após a goleada, a comparecer à sede campestre do Cruzeiro, onde cortesmente desconfiado encontrou-se com Zezé Moreira, o homem que o derrotara momentos antes. Um encontro inesperado, sonho de muita gente que gostaria de ver frente a frente dois velhos e folclóricos conhecedores das coisas do futebol.

— Que te pareceu a partida? — pergunta Zezé.

— Boa, boa, mas estou cheio de falar sobre futebol.

Inevitável. Apesar do pedido de Labruna, o papo volta ao futebol, só que deixados de lado os 4 x 1. Falam das coisas antigas. De repente, os dois treinadores se olham atentamente. Sentem que devem falar alguma coisa sobre a partida do Mineirão.

— Labruna, quem você escolheria para jogar no River?

— O 5, o 7 e o 10 (Eduardo e Jairzinho).

— E você, Zezé?

— O Luque.

Entregaram o ouro? Labruna teme claramente o ataque do Cruzeiro. Zezé, apenas um argentino. Cartas na mesa, eles partirão para um novo desafio, uma guerra entre oponentes que se armam de todas as formas pela batalha final. Um jogo caro que não pode ter dois vencedores.

"OUTRO PONTO A SER EXPLORADO NO SEGUNDO JOGO PODERÁ SER A AUSÊNCIA DE FILLOL, UM DOS MAIORES GOLEIROS DA ARGENTINA, QUE SE CONTUNDIU NUM CHOQUE COM PALHINHA E DIFICILMENTE SE RECUPERARÁ"

21/7/76 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 4 X 1 RIVER PLATE
J: Vicente Lobregat (Venezuela); **R:** Cr$ 1 633 380; **P:** 58 730; **G:** Nelinho 21, Palhinha 29 e 40 do 1º; Más (pênalti) 16 e Valdo 34 do 2º; **CA:** Perfumo, Merlo, Morais, Zé Carlos e Jairzinho
CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Morais, Darci Meneses e Vanderlei; Piazza (Valdo) e Zé Carlos; Eduardo (Ronaldo), Jairzinho, Palhinha e Joãozinho. **T:** Zezé Moreira
RIVER PLATE: Fillol (Landaburu), Comelles, Perfumo, Leonardi e Héctor López; Merlo e Juan José López; Pedro González, Sabella, Luque e Más. **T:** Ángel Labruna

Nelinho na sua especialidade: as cobranças de falta violentas

Bola na área do River: Ronaldo, Palhinha e Jairzinho vigiados de perto

O RIVER VENCEU o segundo jogo decisivo. Como previa o regulamento da competição, haveria um terceiro jogo. Só aí a torcida mineira pôde festejar

A TAÇA DA RAÇA

Agora, só falta enfrentar o Bayern, na luta pelo título de melhor time do mundo

POR SÉRGIO A. CARVALHO

Jairzinho tinha razão quando disse, em Buenos Aires, após a vitória do River Plate por 2 x 1:

— Nós vamos ganhar isso, xará. Vamos ganhar deles lá em Santiago de qualquer maneira porque somos melhores e não precisamos jogar mais que jogamos aqui.

O Cruzeiro estava saindo para o terceiro jogo, decisivo da Libertadores, abatido com os 2 x 1. E sem ele para comandar o novo estilo que trouxe para o time. Mas havia sensatez em suas palavras: o River, com todas as malandragens de Angel Labruna, toda a estrela de Beto Alonso, não teve o impulso necessário para anular a maior força individual do Cruzeiro.

Expulso pelo juiz uruguaio José Martínez Bazán, aos 11 do segundo tempo — junto com Perfumo —, Jairzinho acabou ficando fora da decisão que ele sonhava disputar desde que veio para o Cruzeiro.

Perdendo por 1 x 0, o Cruzeiro voltou melhor no segundo tempo. E, aos 2 minutos, Palhinha completou uma boa jogada — das raras trabalhadas — de Piazza, Zé Carlos e Jairzinho. Era o empate.

— Olha. Senti que não estava bem na partida. Então, procurei compensar de alguma forma: fiquei entre Perfumo e Ártico, tentando escapar em velocidade, se bem que o gol não foi nada disso.

Quando o desempate estava mais para os brasileiros, foi o River que marcou, num lance irregular: Luque chutou, frente a frente com Raul, que espalmou para o alto. A bola caiu na pequena área, Vanderlei foi seguro por Luque, e González a empurrou com o corpo para dentro.

A batalha de Santiago

O estádio Nacional de Santiago tinha mais de 40 mil pessoas, quase todas respondendo com gritos de "Brasil, Brasil" ao canto dos quase mil argentinos presentes:

— *!Y dále River*, que vamos a ganar!

Fora da partida final, Jair não se desintegrou da turma. Aos 23, deu um pulo da cadeira onde estava: Urquiza fez pênalti e Nelinho cobrou com a sua costumeira eficiência, no canto esquerdo, mandando Landaburu para a direita.

A vantagem de 1 x 0 parecia não ser suficiente. Aos 9 do segundo tempo, Ronaldo encontrou Eduardo sozinho na ponta-direita e encostou para ele mandar no ângulo direito de Landaburu. Os 2 x 0 pareceram suficientes por poucos minutos. O River marcou dois gols, aos 12 e aos 17, tornando o jogo mais nervoso, bom para os argentinos, que gostam de um clima assim. Más converteu um pênalti de Morais em Luque, e deixou o campo, nervoso, logo em seguida. E Urquiza completou uma cobrança de falta na direita, quando todos os jogadores do Cruzeiro esperavam que o juiz — ele estava escrevendo em seu caderno e nem viu o lance — contasse os passos para a barreira. Para compensar, aos 42 aconteceu o mesmo, a favor do Cruzeiro: Artico chutou Palhinha por trás; Nelinho ajeitou a bola e, antes que o juiz mandasse cobrar, Joãozinho veio de trás e deu por cobertura, no ângulo direito. Foi o gol libertador, comemorado ruidosamente dentro de campo, com invasão e brigas dos argentinos com os reservas, massagista e preparador do Cruzeiro.

No Hotel Carrera, os jogadores comemoraram o título com um jantar e liberdade geral dada por Zezé Moreira.

— Eles precisam se divertir.

E se divertiram a ponto de Darci Meneses ser visto falando alto, bem convicto:

— Podem falar que a nossa defesa é ruim. Mas também que nós e o Santos ganhamos essa.

"JAIRZINHO TINHA RAZÃO: 'NÓS VAMOS GANHAR ISSO, XARÁ. VAMOS GANHAR DELES LÁ EM SANTIAGO DE QUALQUER MANEIRA PORQUE SOMOS MELHORES'"

30/7/76 NACIONAL (SANTIAGO)

CRUZEIRO 3 X 2 RIVER PLATE

J: Alberto Martínez (Chile); **P:** 35 182; **G:** Nelinho (pênalti) 24 do 1º; Eduardo 10, Más (pênalti) 13, Urquiza 17 e Joãozinho 42 do 2º; **E:** Alonso e Ronaldo 43 do 2º

CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Morais, Darci Meneses e Vanderlei; Piazza e Zé Carlos; Eduardo, Ronaldo, Palhinha e Joãozinho. **T:** Zezé Moreira

RIVER PLATE: Landaburu, Comelles, Ártico, Leonardi e Urquiza; Sabella e Merlo; Alonso, Pedro González, Luque e Más (Crespo). **T:** Ángel Labruna

Palhinha evita o carrinho de Leonardi, na negra chilena

PELA PRIMEIRA VEZ DESDE 1963, um clube brasileiro decidia o título mundial. Ainda era em ida e volta. E o time cruzeirense sofreu na neve alemã

O CRUZEIRO NA TOCAIA

Depois, Cramer reconheceu: "Eles são melhores." E Müller confessou: "Fiquei perdido em campo"

>> **POR SILVIO ROCHENBACH**

Um provérbio bem brasileiro — e Zezé Moreira respondia, ao abandonar o estádio Olímpico de Munique, na última terça-feira, àqueles que consideravam como tragédia para o futebol sul-americano a derrota de 2 x 0 para o poderoso Bayern München, campeão europeu, no primeiro jogo da Taça Intercontinental:

— Em nosso curral, até boi vira vaca. Lá, nós podemos marcar os gols necessários, não só contra o Bayern como contra qualquer outro clube do mundo.

Apesar desse tom de desafio, Dettmar Cramer, o treinador alemão que até então manifestava um aparente desconhecimento sobre o Cruzeiro, não procurava respostas. Lamentava os gols perdidos e reconhecia um certo temor quanto à segunda partida, dia 21, em Belo Horizonte:

— Os brasileiros, tecnicamente, são superiores. Demonstraram isso, aqui, debaixo da neve. Mas podemos jogar em igualdade de condições, se explorarmos mais a nossa velocidade.

A verdade é que, encerrando o jogo, a desacreditada Taça Intercontinental de Clubes Campeões, esquecida por clubes brasileiros durante longos 13 anos, voltou a ganhar a importância de uma real Copa Mundial de Clubes, embora, oficialmente, não seja reconhecida pela Fifa. O jogo de Munique, mesmo disputado na neve e com os termômetros marcando 1 grau abaixo de zero, despertou o interesse dos europeus.

O Bayern entendeu o pedido, pois o próprio ônibus da equipe chegou ao estádio com 20 minutos de atraso. A neve congestionou o trânsito da região e as rádios alertavam os torcedores sobre o elevado número de acidentes nas ruas, com carros atolados e o trânsito tumultuado. No próprio estádio, algumas dificuldades tiveram que ser superadas, minutos antes da partida. Trinta operários trabalharam incessantemente para limpar a neve das arquibancadas. E a calefação subterrânea do gramado, ligada 24 horas antes do jogo, foi acionada ao ponto máximo.

Apesar de todo o trabalho, o campo ainda apresentava algumas áreas cobertas com uma densa camada de neve. E na parte considerada boa ásperos cristais de gelo provocaram escoriações em praticamente todos os jogadores. Pela primeira vez o Cruzeiro entrava num campo naquele estado. E o fato despertou em Piazza um curioso comentário: "Eu imagino o fim do mundo assim." E apontava para o gramado.

Aos 18 minutos, Zezé Moreira espanta o nervosismo com uma gostosa gargalhada em cima da franca incompatibilidade entre a neve e o jogador sul-americano.

— Todo mundo espera a bola chegar. Ninguém se mexe. Estamos perdidos.

Brasileiros na neve — dizia o *Süddeutsche Zeitung* — é mais ou menos a mesma coisa que arenque com creme. Mas mesmo assim, os "artistas da bola de Belo Horizonte" — nome que a imprensa alemã mais usava em relação ao Cruzeiro — saíram-se relativamente bem nessas condições adversas. É verdade que o Bayern esteve com a bola durante grande parte do tempo. Mas o seu desajeitado jogo para os lados não lhe trouxe vantagens decisivas.

O próprio Gerd Müller, que só aos 35 minutos do segundo tempo conseguiu aproveitar uma falha da defensiva cruzeirense, disse ao final do jogo:

— Não conseguimos enfrentar bem o sistema dos brasileiros. Eles jogaram sem líbero e até agora não sei quem foi meu marcador. A maneira como um zagueiro me passava para outro foi perfeita. Às vezes nem sabia se a minha cabeça ainda andava comigo. Nunca tive uma marcação tão segura.

"A DESACREDITADA TAÇA INTERCONTINENTAL DE CLUBES CAMPEÕES, ESQUECIDA POR CLUBES BRASILEIROS DURANTE LONGOS 13 ANOS, VOLTOU A GANHAR A IMPORTÂNCIA DE UMA REAL COPA MUNDIAL DE CLUBES"

23/11/76 OLÍMPICO(MUNIQUE)

BAYERN 2 X O CRUZEIRO

J: Luis Pestarino (Chile); **G:** Müller 34 e Kapellmann 37 do 2º

BAYERN: Maier, Andersson, Beckenbauer, Schwarzenbeck e Horsmann; Dürnberger, Torstensson e Kapellmann; Hoeness, Gerd Müller e Rummenigge. **T:** Dettmar Cramer

CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Morais, Osires e Vanderlei; Zé Carlos e Piazza; Eduardo, Jairzinho, Palhinha e Joãozinho (Dirceu Lopes). **T:** Zezé Moreira

Raposa azul em campo de neve:
Morais tenta sair com a bola

A FINAL DE 1977 será lembrada pela atuação do uruguaio Revetría, que em sua rápida passagem pelo Cruzeiro entrou para a história: fez três gols no primeiro jogo da decisão e mais um no segundo

A RAPOSA BRIGOU COMO NUNCA

"Um, dois, três/ O Galo é freguês!"

>> POR SÉRGIO A. CARVALHO

O coro tomava conta do Mineirão. Enlouquecida, a torcida do Cruzeiro dançava e cantava, como a se vingar do muito tempo que teve de calar sua paixão no peito amedrontado: do primeiro gol do Atlético, aos 35, ao empate, aos 27. Eufórica, a torcida festejava mais que a clara vitória conseguida na prorrogação — ela proclamava a ressurreição do time, que saíra da Libertadores com o moral inteiramente batido.

No coro que começou no 29° minuto do segundo tempo da prorrogação, a torcida comemorava a conquista do título mineiro deste ano. Mais que isso: punha em dúvida (ela jamais duvidou firmemente que seu time fosse melhor) a proclamada superioridade da equipe do Atlético, do time que, todos diziam, estava armado para dominar o futebol mineiro por alguns anos. Certa de suas incertezas, a torcida do Cruzeiro começou a festa nas arquibancadas do Mineirão e se esparramou pelas ruas de Belo Horizonte, madrugada de segunda-feira adentro.

Bem verdade que a torcida do Galo parecia mais confiante — pelo menos foi a primeira a ensaiar um coro mais forte, diante do silêncio da rival. Seria cautela ou medo? Talvez os cruzeirenses não quisessem passar pela decepção sofrida pelos atleticanos no segundo jogo. Deu para ver que os jogadores estavam nervosos, não houve aquele que arriscasse um palpite antes de o juiz Márcio Campos Sales ordenar a saída. Minutos depois ele tinha de mostrar energia, pra evitar que os nervos influíssem na disciplina. Aos 20, já controlava a partida. E começaram a aparecer as boas jogadas. A primeira, do Cruzeiro: uma cabeçada de Vanderlei, que passou raspando. Outra, do Atlético: Reinaldo caiu quando tinha tudo para entrar livre na área.

O Cruzeiro exibia o mesmo esquema do segundo jogo, ou quase: Joãozinho se mostrava mais preso. No sábado, ele discutira com Iustrich, que preferia vê-lo menos avançado. Discussão sumariamente cortada por Felício Brandi. "João, faz meio a meio. Metade como você quer; metade como Iustrich deseja." É claro que, em campo, tudo dependeria do ponteiro. E exatamente quando ele descuidou um pouco nasceu o primeiro gol do Atlético, aos 35. Um gol que animou o Atlético e não perturbou o Cruzeiro.

No segundo tempo, Revetría passou a cair para os lados, a fim de evitar a marcação de Márcio. O jogo já parecia mais para o Atlético quando o gringo despertou e calou a massa atleticana com o empate. Um gol que acabou com o entusiasmo da arquibancada e começou a destruir o time alvinegro.

Veio a prorrogação. O Atlético lutava, o Cruzeiro era todo consciência, parecia mais certo do que nunca que seu esquema tático o levaria à vitória. Lívio entrou no lugar de Revetría, cansado. Os primeiros 15 minutos foram lá e cá, as duas defesas prevaleciam soberanas, até porque nenhuma das duas equipes se arriscava francamente ao ataque.

Começou o segundo tempo, o Atlético todo impaciência. Na altura do sétimo minuto, Nelinho pegou a bola, avançou até a intermediária e centrou forte, no lado oposto — Joãozinho cabeceou à frente do gol e Lívio só teve de encher o pé. O Atlético desabava ali. Desanimou-se completamente. Tanto assim que, no último minuto, Joãozinho ainda faria o terceiro gol.

"NO SÁBADO, JOÃOZINHO DISCUTIRA COM IUSTRICH, QUE PREFERIA VÊ-LO MENOS AVANÇADO. DISCUSSÃO CORTADA POR FELÍCIO BRANDI. 'JOÃO, FAZ METADE COMO VOCÊ QUER; METADE COMO IUSTRICH DESEJA'"

9/10/1977 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 3 X 1 ATLÉTICO
J: Márcio Campos Sales; **R:** Cr$ 4 194 550; **P:** 122 534; **G:** Reinaldo 35 do 1º; Revetría 27 do 2º; Lívio 7 e Joãozinho 14 do 2º tempo da prorrogação; **CA:** Reinaldo, Paulo Isidoro e Darci Meneses
CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Zezinho, Darci Meneses e Vanderlei; Flamarion, Valdo (Eli Carlos) e Erivelto; Eduardo, Revetría (Lívio) e Joãozinho. **T:** Iustrich
ATLÉTICO: Ortiz, Alves, Márcio, Vantuir e Dionísio; Toninho Cerezo, Danival (Heleno) e Paulo Isidoro (Marcinho); Marinho, Reinaldo e Marcelo. **T:** Barbatana

Dois grandes times: mas
o Cruzeiro ainda era melhor

O ATLÉTICO BEM QUE TENTOU MELAR A DECISÃO DO ESTADUAL, apelando para uma interpretação própria do regulamento. Mas título ganho dentro de campo não se tira jamais

É CAMPEÃO! É CAMPEÃO!

Cruzeiro e Galo comemoram um título que só o primeiro ganhou em campo. E lá vem mais tapetão

Os seis anos que passou sem ganhar um Campeonato Mineiro não foram suficientes para a torcida do Cruzeiro esquecer como se comemora um título. Assim, o Mineirão se coloriu de azul, no domingo, para a festa que estava sendo esperada há tanto tempo. A decisão do segundo turno valia, para o Cruzeiro, o título de campeão mineiro — pois conquistou também o primeiro. Não deu outra. Quarta-feira, dia 5, 52 869 pessoas pagaram para ver uma incrível goleada de 4 x 0 sobre o Galo de Reinaldo e Éder. Carlinhos e Joãozinho desequilibraram e os gols saíram naturalmente.

Esperava-se nova vitória do Cruzeiro diante do Atlético, certamente abatido com a goleada. Pela Federação Mineira de Futebol — autora de um regulamento cujo texto não parece trabalho de gente séria —, uma derrota por até 3 x 0 (ou diferença de três gols) daria o título ao Cruzeiro. Ao Atlético restaria devolver os 4 x 0 de quarta-feira. Entretanto, o presidente atleticano, Elias Kalil, foi à Justiça Comum e, com um mandado de segurança nas mãos, impediu que a FMF declarasse o Cruzeiro campeão caso perdesse a partida de domingo com qualquer resultado. "O regulamento não diz que o Atlético precisa ganhar de 4 x 0", alegou Kalil. "Marcamos mais pontos em todo o segundo turno e isto nos deu o direito de perder um jogo e ganhar o outro, não interessa qual a diferença de gols: isto está no regulamento." Na verdade, o regulamento não diz claramente. Fala em "dois resultados iguais", o que permite interpretações esdrúxulas.

A diretoria do Cruzeiro havia preparado um carro de bombeiros para desfilar pela cidade. Mas o oficial da PM mandou todo mundo descer à saída do Mineirão, já que a Federação ainda não homologara o título, "e sem taça não há desfile". O remédio foi fazer a equipe subir num caminhão de areia arrumado na última hora e promover assim um cortejo estranho até o clube, onde a festa nunca foi completa.

Mas, se tivesse vencido o jogo... O Cruzeiro tentou o empate, que seria a confirmação do título tão sonhado — independente de qualquer confirmação judicial. Mas a marcação do Galo estava perfeita: Carlinhos e Joãozinho, os mais virtuosos atacantes cruzeirenses, tiveram de se deslocar para tentar alguma coisa. Não deu. O Atlético defendeu-se, tentou mais gols em contra-ataques e quase conseguiu. Esbarrou no excelente Ademir Maria, como já acontecera na noite dos 4 x 0. "Ele garantiu o título para nós", exaltou o técnico João Francisco, ao abraçar o goleiro assim que o juiz apitou o fim.

A torcida invadiu o gramado do Mineirão. Das arquibancadas, vinham gritos de todos os lados: "É campeão! É campeão!..." Não era apenas a torcida do Cruzeiro. A do Galo também comemorava o título.

Quando os jogadores atleticanos já estavam no vestiário recebendo os abraços de Elias Kalil e toda sua diretoria, os do Cruzeiro passavam apertos para se livrar das centenas de torcedores que pularam para o gramado. "Corre pro vestiário", sugeriu João Francisco. Palhinha não se conteve: "Fizeram tudo para melar nossa festa, mas não conseguiram."

"DAS ARQUIBANCADAS, VINHAM GRITOS DE TODOS OS LADOS: 'É CAMPEÃO! É CAMPEÃO!' NÃO ERA APENAS A TORCIDA DO CRUZEIRO. A DO GALO TAMBÉM COMEMORAVA O TÍTULO"

9/12/84 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
ATLÉTICO 1 X 0 CRUZEIRO
J: Édson Alcântara do Amorim; **R:** Cr$ 263 386 000; **P:** 99 174; **G:** Reinaldo 47 do 1º; **E:** Éverton 35, e Douglas e Éder 36 do 2º
ATLÉTICO: João Leite, Elzo, Fred, Luizinho e Jorge Valença; Vítor (Toninho), Heleno e Éverton; Sérgio Araújo (Tita), Reinaldo e Éder. **T:** Procópio Cardoso
CRUZEIRO: Ademir Maria, Carlos Alberto, Luís Cosme, Eugênio e Ademar; Douglas, Palhinha (Eduardo) e Tostão (Evaristo); Carlinhos, Carlos Alberto Seixas e Joãozinho. **T:** João Francisco

Carlinhos agita a bandeira e a massa cruzeirenses

DESSA VEZ NÃO TEVE TAPETÃO que atrapahasse a comemoração: o segundo título estadual da década veio com uma vitória incontestável

A MARAVILHA COR DO CÉU

O Cruzeiro bate o Atlético e levanta o título que — em campo — era esperado há uma década

>> POR BRUNO BITTENCOURT

A torcida do Cruzeiro tem motivos de sobra para estar em êxtase. Afinal, a Raposa destroçou o arqui-rival Galo, no Mineirão, e vestiu a faixa de campeã estadual de 1987. Noutros tempos, o feito seria rotina. Triunfo equivalente, no entanto, o celeste azul não vivenciava fazia uma década — excetuando-se o título de 1984, que só se consumou após uma extenuante guerra judicial contra o próprio Atlético.

Desta vez, a China Azul — como certa feita o jornalista e escritor Roberto Drummond batizou a vasta legião de cruzeirenses — não passará por igual agonia. A campanha do time da Toca da Raposa este ano foi tão incontestavelmente melhor quanto o regulamento foi claro. Como que se lançando numa campanha pelo título-já, o Cruzeiro não precisou mais que o tempo regulamentar para colocar a mão na taça. Os primeiros 45 minutos, é verdade, pontificaram-se por um equilíbrio natural entre dois gigantes que se respeitam. Talvez fosse o reflexo de um nervosismo que não acometeu o jovem Hamílton de Souza, de 19 anos, 1,81 m, 81 kg e elevado a profissional apenas este ano. Nos campos, ele atende por uma alcunha sabidamente de craque: Careca. E no domingo saiu do Mineirão sobraçando os prêmios de melhor da decisão.

Careca foi uma espécie de locomotiva a puxar o Cruzeiro para a frente no segundo tempo. Fez isso a todo vapor — tanto que marcou um golaço logo a 1 minuto. Encabulado, ele comentava sua atuação com impressionante obviedade: "Foi o gol mais importante da minha carreira." No vestiário azul, porém, havia pompa e confete para todos — além, é claro, de um generoso prêmio em dinheiro: 125 mil cruzados.

"Foi o fecho de ouro", sorria o ponta-direita Róbson, cuja frase também continha uma dose de auto-elogio. Ele liquidara a fatura. Autor do segundo e derradeiro gol da partida, já aos 51 minutos do segundo tempo, Róbson salientava um dos pontos fortes do novo campeão: a solidariedade. "Todos demos tudo de nós por este título. E igualmente cada um dos treinadores que tivemos."

De fato, o Cruzeiro não poupou técnicos em seu percurso: teve cinco. Por ali passaram Carlos Alberto Silva, que foi para a Seleção, Raul Plassmann, João Avelino, Paulinho de Almeida e, finalmente, Rui Guimarães, um ex-preparador físico que há seis anos se iniciou na profissão. "Apostava nessa equipe porque ela reúne técnica e vibração", exultava Guimarães.

O clássico de domingo — o de número 355 entre os dois grandes de Minas Gerais — foi permeado pelos mesmos ingredientes de sempre: rivalidade, emoção e amor à camisa. Só que desta vez o tempero chegou a desandar. "Assim vai ter nego na rua", alertara profeticamente o juiz baiano Nei Andrade Nunesmaia, ainda no primeiro tempo. Como os nervos não serenaram, quatro jogadores terminaram expulsos: Sérgio Araújo e Renato, do Atlético, Édson e Balu, do Cruzeiro. Os campeões, por sinal, não se conformavam. "Todo mundo viu que eu levei um baita soco na cara", sustentava o capitão Édson. "Só fiz assim com o braço...", desconversava sem argumentos o alvinegro Sérgio Araújo. No final, até o time da PM teve de entrar em campo para sufocar a contusão iminente.

A comemoração, todavia, não valia por um jogo. Valia por todo o campeonato. O caneco foi recebido das mãos do prefeito Sérgio Ferrara e seguiu em volta olímpica. Depois, desfilou por Belo Horizonte num carro do Corpo de Bombeiros.

"O NERVOSISMO NÃO ACOMETEU O JOVEM HAMÍLTON DE SOUZA, DE 19 ANOS, ELEVADO A PROFISSIONAL APENAS ESTE ANO. NOS CAMPOS, ELE ATENDE POR UMA ALCUNHA DE CRAQUE: CARECA"

2/8/87 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 2 X 0 ATLÉTICO
J: Nei Andrade Nunesmaia (BA); **R:** Cz$ 3 359 205; **P:** 77 449; **G:** Careca 1 e Róbson 51 do 2º; **A:** Eduardo, Vandinho, Carlão, João Luís; **E:** Balu e Renato 5, Sérgio Araújo e Édson 17 do 2º
CRUZEIRO: Gomes, Balu, Vilmar, Gilmar Francisco e Genílson; Douglas (Eduardo), Ademir e Careca; Róbson, Vanderlei (Hamílton) e Édson. **T:** Rui Guimarães
ATLÉTICO: João Leite, Carlão, Batista, Luizinho e João Luís; Vânder Luís (Marquinhos), Vandinho e Zenon; Sérgio Araújo, Guga (Tita) e Renato. **T:** Palhinha

A taça entregue pelo prefeito: depois, carreata pela cidade

Gilmar Francisco: incansável no combate

NUM INCHADO ESTADUAL COM 18 CLUBES, o Cruzeiro ganhou o primeiro turno e liderou o segundo quase até o fim, mas perdeu para o Atlético. O título, porém, só havia sido adiado

O HERÓI QUE FUGIU DA FESTA

Depois de pisar na bola, Careca virou ídolo do Cruzeiro

Num intervalo de 48 horas, o meia Careca, do Cruzeiro, apagou a imagem de vilão para viver a de herói. Na decisão do Campeonato Mineiro, dia 3 passado, ele marcou o gol da vitória contra o Atlético e fez explodir a festa azul no Mineirão. Terminado o jogo, porém, disparou para o vestiário e se trancou no banheiro. Queria fugir da comemoração e dos furtivos tapinhas nas costas. O jovem Hamílton de Souza, 22 anos, sempre alternou brilhantes atuações em campo com atos intempestivos fora dele. Dois dias antes da final, não apareceu na Toca da Raposa para o treino físico sob a surrada alegação de que precisava "resolver negócios particulares".

Não colou. O técnico Ênio Andrade ficou mais zangado do que já é por natureza e aplicou-lhe uma reprimenda: "Você jogará, mas, se não estiver bem, será substituído e vaiado pela torcida." A bronca surtiu efeito e, domingo, Careca matou o Galo. Depois, preferiu escapar da volta olímpica. Não tinha importância. A torcida já estava saciada com a comemoração do ídolo na hora do gol — ajoelhado e com os braços abertos. O herói dos momentos difíceis estava de volta. E ninguém lembrava mais da trapalhada que antecedera a guerra com o Atlético.

"DOIS DIAS ANTES DA FINAL, NÃO APARECEU NA TOCA DA RAPOSA PARA O TREINO FÍSICO SOB A SURRADA ALEGAÇÃO DE QUE PRECISAVA 'RESOLVER NEGÓCIOS PARTICULARES'"

3/6/90 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 1 X 0 ATLÉTICO-MG
J: Márcio Rezende de Freitas; **R:** Cr$ 8 368 735; **P:** 90 145; **G:** Careca 12 do 2°
CRUZEIRO: Paulo César, Balu, Gílson Jáder, Adílson e Paulo César II; Ademir, Paulo Isidoro e Careca; Hêider, Hamílton (Roberson) e Édson. **T:** Ênio Andrade
ATLÉTICO-MG: Rômulo, Neto, Cléber, Paulo Sérgio e Paulo Roberto; Éder Lopes, Marquinhos e Edu (Aílton); Nílton (Ílton), Gérson e Éder. **T:** Arthur Bernardes

CÉLIO APOLINÁRIO

Nem na base
da gravata o
Atlético parou o
Cruzeiro de Édson

OS ANOS 90 MARCARIAM O RETORNO do clube ao primeiro plano internacional. Casualmente, a primeira conquista da Supercopa viria contra o mesmo adversário da Libertadores de 1976

UM TÍTULO PARA NÃO ESQUECER

O River Plate não resistiu à raça e à categoria cruzeirense e o Mineirão, em seus 26 anos de existência, jamais viu um time ganhar um título tão importante

A noite de 20 de novembro estava marcada para entrar na história do Mineirão. Afinal, o estádio jamais havia assistido a um time mineiro sagrar-se campeão brasileiro em seus 26 anos de existência. Muito menos internacional. Por isso, quando o juiz apitou o final de Cruzeiro 3 x 0 River Plate, a torcida enlouqueceu. O campo foi invadido e os heróis da conquista tiveram seus uniformes arrancados e disputados aos pedaços como verdadeiros troféus. Vários jogadores deixaram o gramado apenas de sunga, como o capitão Ademir.

Quem, no entanto, assistiu à primeira partida do Cruzeiro no mesmo Mineirão pela Supercopa dos Campeões da Libertadores duvidou que a equipe pudesse chegar ao título. O time mal passou de um minguado 0 x 0 contra o Colo Colo, do Chile. "Mas a confiança depositada no elenco nos deu força", recorda o meia Marco Antônio Boiadeiro, um gigante na hora de segurar o 0 x 0 no jogo de volta, em Santiago, o que levou a partida para os pênaltis — um drama que perseguia os cruzeirenses havia muito tempo. "Treinamos duro, até perder o medo de errar", lembra o zagueiro Paulão, que garantiu o passaporte para a outra fase na última cobrança.

Veio o Nacional, do Uruguai, e aí, sim, a torcida sentiu firmeza: Cruzeiro 4 x 0. Na partida de volta, contudo, quase que a goleada anterior vai por água abaixo: Nacional 3 x 0. Mesmo derrotado, o Cruzeiro foi em frente, para pegar o Olimpia, do Paraguai. No primeiro jogo, no Mineirão, o empate de 1 x 1 beneficiou os paraguaios. No entanto, o Cruzeiro, em Assunção, garantiu o 0 x 0 e depois, nos pênaltis, venceu por 5 x 4.

Pronto, agora só faltava o River Plate. O primeiro round, em Buenos Aires, os gringos venceram: 2 x 0. "Na partida do Mineirão, pedi a Deus para nos ajudar a não desapontar aquela maravilhosa torcida", confessou o meio-campo Ademir, autor do gol inicial, aos 35 de jogo. "Pensei na hora: vamos ser campeões", diz o volante. Este, aliás, era o único pensamento do time e também do técnico Ênio Andrade, que mandou trocar todos os gandulas do estádio por 12 jogadores das equipes inferiores. "Não podíamos perder tempo na reposição das bolas", explicaria mais tarde. Os argentinos não têm, porém, do que reclamar. O Cruzeiro foi sempre melhor e mereceu como ninguém.

"QUEM ASSISTIU À PRIMEIRA PARTIDA DO CRUZEIRO NO MESMO MINEIRÃO PELA SUPERCOPA DUVIDOU QUE A EQUIPE PUDESSE CHEGAR AO TÍTULO"

20/11/91 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 3 X 0 RIVER PLATE
J: Hernán Silva (Chile); **R:** Cr$ 218 402 000; **P:** 67 279; **G:** Ademir 35 do 1º; Mário Tilico 7 e 30 do 2º; **CA:** Paulão
CRUZEIRO: Paulo César, Nonato, Paulão, Adílson e Célio Gaúcho; Ademir, Marco Antônio Boiadeiro e Luís Fernando (Macalé); Mário Tilico (Paulinho), Charles e Marquinhos. **T:** Ênio Andrade
RIVER PLATE: Comizzo, Gordillo, Higuain, Rivarola e Carlos Enrique; Zapata (Torezani), Hernán Díaz (Berti), Astrada e Borrelli; Medina Bello e Ramón Díaz. **T:** Daniel Passarella

NÉLIO RODRIGUES

Mário Tilico e Charles: heróis da primeira conquista continental desde 1976

O CRUZEIRO ESTAVA SE ESPECIALIZANDO EM SUPERCOPAS. Dessa vez a final foi contra outro time argentino, o Racing. No segundo jogo, em Avellaneda, bastou segurar uma derrota por um gol

UM SHOW DE EMOÇÃO

Com um futebol de alta classe, o Cruzeiro aniquilou os rivais e encheu o Mineirão de alegria

Pelo lado esquerdo, o ponta Roberto Gaúcho disparou em velocidade, driblando a quem surgisse a sua frente. Passou pelo lateral Reinoso, pelo volante Matosas e abriu o jogo para a meia direita, deixando Luís Fernando na cara do goleiro Roa. Em vez da bomba, o chute saiu leve, suave e entrou mansamente no canto direito, provocando uma explosão azul em toda a América. Mais que a vitória — àquela altura os 3 x 0 praticamente garantiam o bicampeonato da Supercopa na primeira partida contra o Racing —, a beleza do gol transmitia a exata noção do que foi a campanha do Cruzeiro: um show.

O River Plate prometeu uma autêntica guerra para vingar a derrota na final de 1991. Depois de perderem o primeiro jogo das quartas-de-final no Mineirão por 2 x 0, então, as juras de vingança ganharam um tom ainda mais ameaçador. Os dirigentes do River se negaram a liberar a transmissão de TV do jogo para fora da Argentina e conquistaram uma vitória impossível, por 2 x 0, com gols surgidos de pênaltis discutíveis aos 44 e 48 minutos do segundo tempo. De quebra, o Cruzeiro ainda teve Boiadeiro e Luizinho expulsos, mas nem assim saiu de Buenos Aires eliminado. A derrota pelo mesmo marcador do Mineirão levou a decisão para os pênaltis e coube ao argentino Ramón Díaz desperdiçar uma cobrança, carimbando a classificação mineira.

E a cada partida os ídolos se solidificavam. O primeiro foi Renato, com a avalanche de gols contra o Nacional. Depois, Boiadeiro, o comandante do meio-campo e líder da equipe. Contra o Olimpia, nas semifinais, foi a vez de um jogador aparentemente modesto, vindo do Guarani, fazer a torcida delirar: Roberto Gaúcho. A equipe precisava apenas empatar no Mineirão, pois havia vencido por 1 x 0 em Assunção. Aí Roberto deu um espetáculo à parte: marcou o segundo gol do empate em 2 x 2, garantindo um lugar na decisão.

Nas finais contra o Racing, a promessa era de outra guerra, como acontecera contra o River. Dessa vez, no entanto, quem queria vingança era o Cruzeiro, que perdera a decisão da primeira Supercopa, em 1998, para o mesmo Racing. Em vez de briga, porém, a vingança veio com um futebol de pura técnica, comandado por Renato e Boiadeiro. E, mais uma vez, com um show particular de Roberto Gaúcho, que marcou os dois primeiros gols, deu o passe para o terceiro e atormentou a defesa argentina na goleada de 4 x 0.

A missão do Racing tornou-se, então, impossível. Precisava vencer por 4 x 0 se quisesse levar a decisão para os pênaltis. Desesperada, a equipe provocou uma pressão dentro e fora de campo, usando ao máximo a força do alçapão de Avellaneda para intimidar os cruzeirenses. Nem assim o time mineiro esmoreceu. Foi valente desde os vestiários, quando Renato decidiu jogar, apesar de uma contusão na panturrilha. Continuou no gramado, quando Douglas e Rogério Lage foram expulsos por responderem às provocações argentinas.

E a valentia resultou na conquista incontestável, apesar da derrota. Prova de que o Cruzeiro é, junto com o Santos de Pelé, o time brasileiro mais eficiente em disputas sul-americanas (o Peixe ganhou duas Libertadores e uma Recopa; o time mineiro, duas Supercopas e uma Libertadores).

"A PROMESSA ERA DE OUTRA GUERRA, COMO ACONTECERA CONTRA O RIVER. DESSA VEZ, NO ENTANTO, QUEM QUERIA VINGANÇA ERA O CRUZEIRO, QUE PERDERA A DECISÃO DA PRIMEIRA SUPERCOPA, EM 1998, PARA O MESMO RACING"

25/11/92 AVELLANEDA (BUENOS AIRES)

RACING 1 X 0 CRUZEIRO

J: Juan Escobar (Paraguai); **G:** Cláudio García (pênalti) 40 do 2º; **CA:** Torres, Vallejos, Distéfano e Célio Lúcio; **E:** Rogério Lage, Douglas e Claudio García

RACING: Roa, Reinoso, Vallejos (Félix Torres), Costas e Distéfano; Matosas (Cabrol), Guendulain e Rubén Paz; Claudio García, Carlos Torres e Graciani.

T: Humberto Grondona

CRUZEIRO: Paulo César, Paulo Roberto, Célio Lúcio, Luizinho e Nonato; Douglas, Marco Antônio Boiadeiro, Luís Fernando e Betinho (Rogério Lage); Renato Gaúcho e Roberto Gaúcho (Arley). **T:** Jair Pereira

Roberto Gaúcho (acompanhado por Luís Fernando): herói do primeiro jogo decisivo

ESTRANHAMENTE, NÃO HOUVE CLÁSSICO contra o Atlético no estadual de 1992. Mas a campanha cruzeirense não deixou dúvida quanto ao melhor time do estado

DESFILE DE BOM FUTEBOL

O time estrelado reconquista Minas com a mesma fórmula da Supercopa: o talento de seus astros

O Campeonato Mineiro de 1992 vai entrar para a história como uma disputa cheia de surpresas. Pela primeira vez, por exemplo, o torcedor não pôde assistir ao maior clássico do Estado, entre Atlético e Cruzeiro, abortado pelas manobras do regulamento. Depois de 21 anos, o América chegou à final. Teve até jogo que não terminou, e deve ser disputado apenas no ano que vem. Só mesmo o campeão não surpreendeu a ninguém: o *Dream Team* do Cruzeiro, que, como se não bastasse a festejada conquista do bi da Supercopa, fechou o ano como o legítimo dono de Minas.

Foi uma campanha digna dos melhores tempos do clube. Dos 24 jogos disputados, a Raposa ganhou 21. Jamais foi vencida, e, mesmo entre os três empates computados, está um "meio" 0 x 0 com o Araxá, partida interrompida aos 30 minutos do primeiro tempo por causa da chuva. Novo jogo está marcado para 1993, quando o time terá chance de ampliar ainda mais o saldo de 51 gols com que encerrou a temporada.

"Este ano foi tudo azul. Vim para o time certo, no momento certo", festejava o meia Betinho. Ele era apenas um dos legionários recrutados pelo Cruzeiro em todo o Brasil e até no exterior para, juntos, fazerem da Máquina Azul um impiedoso triturador de adversários. "Nunca pensei que iria levantar novamente o troféu de campeão mineiro", confessava emocionado o zagueiro Luizinho. Aos 33 anos, herói de outras conquistas pelo arquiinimigo Atlético, ele voltou do Sporting de Portugal para comandar a defesa menos vazada do campeonato (apenas dez gols sofridos) até os 2 x 0 da batalha final, contra o América.

Terceiro colocado em 1991, o que lhe custou até a perda da vaga de vice, na Copa do Brasil, para o modesto Democrata de Governador Valadares, o Cruzeiro entrou mordido na briga pelo título de 1992. Ao contrário do que acontecera na temporada anterior, não deixou que os esforços despendidos na conquista da Supercopa desgastassem a campanha no estadual. E, quando Renato Gaúcho chegou, o que era bom ficou melhor ainda. Trinta e dois dos 61 gols marcados pelo infernal ataque azul no torneio (também o melhor do campeonato) saíram dos pés de Renato, Cleison e Toto, um incrível artilheiro que ficou a maior parte do tempo na reserva.

Na hora da decisão, se o América resolveu endurecer, despachando o Atlético antes do tempo, azar dele. O Cruzeiro, que já arrasara o Rio Branco com um 8 x 1 nas semifinais, não tomou conhecimento do Coelho, conquistando do seu 14º título na era do Mineirão (um a mais que o Galo). Renato, autor de quatro dos cinco gols marcados pelo time nas finais (3 x 2 e 2 x 0), era o que mais festejava. "Eu quero mais é comemorar", gritava, correndo como um garoto pelo gramado. Símbolo maior de um ano que foi todo azul em Minas Gerais.

"A EQUIPE JAMAIS FOI VENCIDA, E, MESMO ENTRE OS TRÊS EMPATES, ESTÁ UM 'MEIO' 0 X 0 COM O ARAXÁ, PARTIDA INTERROMPIDA POR CAUSA DA CHUVA. NOVO JOGO ESTÁ MARCADO PARA 1993"

22/12/92 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 2 X 0 AMÉRICA
J: Márcio Rezende de Freitas; **R:** Cr$ 2 363 420 000; **P:** 62 589; **G:** Renato Gaúcho 8 do 1º, Roberto Gaúcho 6 do 2º; **CA:** Luizinho, Betinho, Renato, Marins, Gutenberg, Flávio e Róbson; **E:** Marco Antônio Boiadeiro
CRUZEIRO: Paulo César, Paulo Roberto, Célio Lúcio, Luizinho e Nonato; Douglas, Marco Antônio Boiadeiro e Luís Fernando (Édson); Betinho (Cleison), Renato Gaúcho e Roberto Gaúcho. **T:** Jair Pereira
AMÉRICA: Milagres, Jorge Porto (Marcinho), Marins, Ricardo e Ronaldo; Gutenberg, Raimundinho e Flávio; Euller, Cleto (Luís Cláudio) e Róbson. **T:** Pinheiro

Nonato leva a taça na volta olímpica: um ano excelente

DEPOIS DE ELIMINAR DESPORTIVA, Náutico, São Paulo e Vasco nas fases anteriores, o Cruzeiro reeditou a conquista da Taça Brasil de 1966 ao derrotar o Grêmio

CADA VEZ MAIS VALORIZADO

Depois de faturar duas Supercopas da América, a Raposa volta a ganhar um título nacional, garantindo uma vaga na Taça Libertadores de 1994

Quinta-feira, 3 de junho de 1993. Mais de 70 mil cruzeirenses não desgrudavam os olhos do placar eletrônico do Mineirão, contando os segundos para o final da partida contra o Grêmio. Os cinco minutos que separavam o Cruzeiro da conquista da Copa do Brasil de fato pareciam intermináveis para quem há 26 anos não comemorava um título nacional — façanha realizada em 1966 pelo esquadrão azul de Piazza, Natal, Raul, Tostão, Evaldo, Hílton Oliveira e Dirceu Lopes.

Quando o juiz gaúcho Renato Marsiglia apitou o fim do jogo, torcedores e craques desse Cruzeiro igualmente vencedor de 1993 festejaram uma dupla alegria: além do caneco brasileiro, depois de 26 anos, o passaporte para a Taça Libertadores da América do próximo ano estava carimbado com a vitória de 2 x 1 sobre o tricolor gaúcho. Nem mesmo veteranos como o ex-ponta-esquerda Éder, agora jogando como meia-esquerda, e o lateral-direito Paulo Roberto, acostumados às decisões, resistiram à emoção. Chorando como um garotinho, Éder juntou-se à desabalada corrida do lateral em direção ao túnel para dar um forte abraço no técnico Pinheiro. "Quem apostou em mim ganhou", desabafava o jogador. "Não há nada que pague a alegria que sinto em ser campeão brasileiro aos 36 anos."

Paulo Roberto também não escondia a satisfação com a conquista. "Era o título que faltava em minha carreira", computava ele, que ostenta em seu currículo o Brasileiro de 1981, a Taça Libertadores e o Mundial Interclubes de 1983 (os três títulos com a camisa do Grêmio), os Campeonatos Cariocas de 1987 e 1988 (pelo Vasco) e de 1990 (pelo Botafogo), mais o bi da Supercopa Libertadores (1992 e 1993) e o Campeonato Mineiro do ano passado, já pelo Cruzeiro. "Conseguimos superar todos os obstáculos", repetia, eufórico, o camisa 2. De fato, superação foi uma palavra presente no vocabulário do time em toda a disputa. Em dez jogos, a equipe do técnico Pinheiro venceu cinco — todos no Mineirão —, empatou quatro e perdeu apenas um. Marcou 18 gols e sofreu oito.

Na primeira partida das finais, em Porto Alegre, o Cruzeiro conseguiu o que queria: não perder. Assim, o 0 x 0 teve sabor de vitória e deixou a decisão para o jogo de volta, no Mineirão. A festa cruzeirense começou logo aos 12 do primeiro tempo, quando Roberto Gaúcho arriscou um chute de fora da área e o goleiro Eduardo tomou um frangaço. Tudo era otimismo até que aos 25 minutos o baixinho Pingo aproveitou uma desatenção da defesa e marcou de cabeça o gol de empate. Somente aos 20 segundos da etapa final é que terminou a agonia da Raposa. O artilheiro Cleison, também de cabeça, fez 2 x 1. O caminho estava aberto para a massa comemorar seu terceiro título em menos de seis meses. Uma média não apenas invejável, mas que autoriza o time azul de1993 a sonhar com um objetivo que a máquina de Tostão & Cia., na década de 60, ou os campeões da Libertadores da América de 1976, como Jairzinho e Palhinha, não conseguiram alcançar: o Mundial.

"CHORANDO COMO UM GAROTINHO, ÉDER JUNTOU-SE À DESABALADA CORRIDA DO LATERAL EM DIREÇÃO AO TÚNEL PARA ABRAÇAR O TÉCNICO PINHEIRO: 'QUEM APOSTOU EM MIM GANHOU'"

3/6/93 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 2 X 1 GRÊMIO
J: Renato Marsiglia;
R: Cr$ 11 023 750 000; **P:** 70 723;
G: Roberto Gaúcho 12 e Pingo 25 do 1º; Cleison 20 segundos do 2º;
CA: Cleison, Éder, Ademir, Roberto Gaúcho, Jamir e Charles
CRUZEIRO: Paulo César; Paulo Roberto, Célio Lúcio, Róbson e Nonato; Ademir, Rogério Lage e Éder; Roberto Gaúcho, Cleison e Edemílson. **T:** Pinheiro
GRÊMIO: Eduardo; Jackson, Paulão, Luciano e Dida (Charles); Pingo, Jamir (Fabinho), Juninho e Denner; Gílson e Carlos Miguel. **T:** Sérgio Cosme

Cleison passa por Luciano, e o Cruzeiro pelo Grêmio

A MAIOR REVELAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO na década surgiu na Toca da Raposa em 1993. Este foi o primeiro perfil do Fenômeno publicado por PLACAR

RONALDO

Frio como um veterano, Ronaldo contagia o Brasil com alegria e muitos gols

O cruzamento da direita apanhou o menino Ronaldo de costas para o gol. Cercado por dois zagueiros corintianos, o centroavante cruzeirense pulou como se fosse cabecear e, com estilo, dominou a bola no peito. Depois, sem deixá-la tocar o chão, virou o corpo e desferiu uma bomba que passou, caprichosamente, rente à trave superior. O lance espetacular deixou boquiabertos os torcedores presentes ao Pacaembu, no dia 10 de novembro, e ofereceu um bom resumo das muitas qualidades do camisa 9 do Cruzeiro: frio, preciso e, acima de tudo, surpreendente.

"Ele tem uma qualidade rara no atual futebol brasileiro", testemunha o inesquecível craque Tostão, tricampeão mundial de 1970. "Toca pouco na bola, mas, quando o faz, é capaz de decidir um jogo."

Ronaldo balançou as redes adversárias 12 vezes nos 14 jogos do Cruzeiro no Brasileirão de 1993. E de todas as maneiras. Até mesmo roubando, com a sutileza de um batedor de carteiras, uma bola dominada pelo experiente goleiro Rodolfo Rodríguez, do Bahia, para fazer seu quinto gol naquela partida — o Cruzeiro venceu por 6 x 0. Exatamente por isso, o técnico Carlos Alberto Silva optou por lançá-lo na equipe do início do campeonato, repetindo o que fizera com Careca no Guarani, em 1978. "Não há comparação entre os dois, mas Ronaldo tem uma habilidade fantástica", avalia Carlos Alberto.

O garoto chegou à Seleção Brasileira com o mesmo jeito simples com que buscou um espaço nos juvenis do Flamengo, em 1991. Foi aprovado, mas não pôde permanecer no clube por falta de dinheiro para a condução entre o distante subúrbio carioca de Bento Ribeiro, onde morava, e a Gávea. Assim, foi parar no São Cristóvão, onde acabou descoberto por Jairzinho, então técnico: "Jair me deu muitas dicas sobre como me comportar contra os zagueiros."

Daí em diante, a caminhada foi rápida. Convocado para a Seleção Brasileira juvenil, disputou o Campeonato Sul-Americano da categoria em 1993, sagrando-se campeão e artilheiro da competição com oito gols. Depois disso, Jairzinho comprou seu passe, ficando com 45% e vendendo 55% para o time mineiro. "Não esperava tanto sucesso em tão pouco tempo", diz Ronaldo. Nem a torcida brasileira, que já começa a se acostumar com o sorriso infantil e os gols de raro oportunismo da nova sensação da Toca da Raposa.

"O TÉCNICO CARLOS ALBERTO SILVA OPTOU POR LANÇÁ-LO NA EQUIPE DO INÍCIO DO CAMPEONATO, REPETINDO O QUE FIZERA COM CARECA NO GUARANI, EM 1978"

Adriano, do Flamengo: vítima precoce dos gols de Ronaldo

COMO NOS BONS TEMPOS, o estadual daquele ano foi disputado em dois turnos, com pontos corridos. Melhor para o Cruzeiro, que conquistou o título graças à regularidade

COM A MARCA DA ESPERTEZA

Como uma raposa, o Cruzeiro explorou a confiança excessiva do Atlético para faturar uma taça que o Galo já considerava ganha

O título mineiro de 1994 teve sabor especial para o torcedor cruzeirense. Afinal, o Atlético fez grandes contratações e deixou sua galera com a certeza de que a conquista do campeonato era certa. Não foi. Quem ganhou o título, invicto e com três rodadas de antecedência, foi o Cruzeiro. Uma vitória incontestável.

No começo da temporada, os atleticanos se reforçaram com nomes de peso, graças ao auxílio do ex-govemador de Minas e deputado federal eleito Newton Cardoso, que prometeu emprestar 2 milhões de dólares ao clube. O presidente atleticano, Afonso Paulino, diz só ter recebido a metade. Mesmo assim contratou uma penca de jogadores famosos e rodados: o atacante Renato (ex-Grêmio, Flamengo, Botafogo e Cruzeiro), o meia Neto (ex-Guarani, São Paulo, Bangu, Palmeiras e Corinthians), o lateral-direito Luís Carlos Winck (ex-Inter , Vasco, Grêmio e Corinthians), o centroavante Gaúcho (ex-Palmeiras e Flamengo), o zagueiro Adílson (ex-Cruzeiro e Inter), o volante Darci (ex-Grêmio e Santos), além do ponta Éder Aleixo (ex-Grêmio, Botafogo, Palmeiras e outros clubes), que voltou ao Atlético pela terceira vez. Jogadores que, esperava-se, levariam o clube ao título, ganho pela última vez em 1991.

Já a estratégia cruzeirense se baseou em contratações para as posições carentes: no gol, o jovem Dida; no meio-campo, o experiente Toninho Cerezo; no ataque, o veloz Catê. Na negociação com o ex-atleticano Cerezo, os cruzeirenses souberam tirar proveito de um erro do adversário. O Atlético pouco se empenhou em tê-lo de volta e o craque foi para a Toca da Raposa. Além disso, o Cruzeiro manteve o goleador Ronaldo durante o primeiro semestre. E ele atormentou as defesas. No início da competição, enquanto as atenções se voltavam para o "Super Galo", o Cruzeiro agia como uma velha raposa. Mineiramente, o time acumulou vitórias até aplicar impiedosos 3 x 1 sobre o Atlético.

Num ano em que os complexos regulamentos foram trocados pela tradicional fórmula de pontos corridos, a diferença favorável ao Cruzeiro crescia a cada rodada. Enquanto os medalhões do Galo não se acertavam, o América (campeão de 1993) constatava que sem o ponta Euller, vendido ao São Paulo, o time não era o mesmo. E os cruzeirenses avançavam. Sob o comando do experiente Ênio Andrade, que substituíra Nelinho, adotavam a velha estratégia de vencer em casa e pelo menos empatar fora. Deu certo. Tanto que a campanha foi invicta.

Já o Atlético tropeçava. Perdendo pontos, via o time azul disparar. O Villa Nova, por exemplo, foi massacrado pelo Cruzeiro: 8 x 0. O América também não foi poupado: 6 x 1. "Acordamos tarde e não conseguimos nos aproximar deles", lamentou o ex-cruzeirense Renato Gaúcho, que afundava no barco alvinegro, enquanto o ex-atleticano Cerezo levava a equipe estrelada às vitórias. "Em alguns jogos, Cerezo foi meio time", atesta Ênio Andrade. Assim, o Cruzeiro se tornou, de novo, campeão das Minas Gerais, o 25° título da história do clube e o 15° na era Mineirão.

"SOB O COMANDO DO EXPERIENTE ÊNIO ANDRADE, QUE SUBSTITUÍRA NELINHO, ADOTAVAM A VELHA ESTRATÉGIA DE VENCER EM CASA E PELO MENOS EMPATAR FORA. DEU CERTO. TANTO QUE A CAMPANHA FOI INVICTA"

11/5/94 R. JUNQUEIRA (P. DE CALDAS)

CALDENSE 3 X 5 CRUZEIRO

J: Antônio William Gomes; **R:** R$ 11 016; **P:** 2 920; **G:** Cleison 19, Macalé 42 e Careca 44 do 1°; Fogueirinha 28, Magu 30, Cleison 32, Wantuir 44 e Catê 45 do 2°; **CA:** Magu, Ademir, Cleison, Macalé e Roberto Gaúcho

CALDENSE: Zambaldi, Batista, Russo, Paulista e Romã; Dárcio, Ronaldinho (Magu) e Fusquilo; Fogueirinha, Nildo e Zé Luís (Wantuir). **T:** Aílton Lira

CRUZEIRO: Dida, Paulo Roberto, Célio Lúcio, Luizinho e Helinho; Ademir, Toninho Cerezo e Cleison; Macalé, Careca (Catê) e Roberto Gaúcho (Weberth). **T:** Ênio Andrade

Zelão e Cerezo, contra o América: mais um jogo na campanha invicta

DEPOIS DE ELIMINAR O CORINTHIANS com um 4 x 0 no Independência, o Cruzeiro chegava à decisão contra o supertime do Palmeiras de Luxemburgo. A virada de 1966 se repetiu em São Paulo

A BUSCA DA TAÇA

Depois de um período de trevas, Palhinha ouviu a profecia de que encontraria a redenção num time talhado para vencer torneios

» **POR SÉRGIO RUIZ LUZ**

O atacante Palhinha, o craque do Cruzeiro na conquista da Copa do Brasil, é um evangélico fervoroso e adora citar a história de Jó, pois enxerga semelhanças entre ela e sua saga recente nos campos. Uma das estrelas do time do São Paulo que levantou o bicampeonato mundial, o jogador terminou o ano de 1993 saboreando a fama. "Fiquei deslumbrado", conta Palhinha. "Parei de ir à igreja para freqüentar festas, shows, cinemas, restaurantes."

O castigo divino não tardou. Após desperdiçar o pênalti que poderia dar ao São Paulo o tricampeonato da Taça Libertadores da América, a vida do craque entrou em parafuso. Perdeu o lugar na Seleção que disputaria a Copa dos Estados Unidos, foi excomungado pela torcida tricolor, esquentou banco e parecia acabado para o futebol. Mas, a exemplo de Jó, mesmo diante da desgraça, Palhinha conta que manteve a fé. Voltou a freqüentar os cultos e diz ter ouvido da boca do pastor Arlen Vilcinskas, seu guru espiritual, uma previsão redentora: "Deus vai honrar você em sua própria terra."

Nessa época de trevas chegou até a receber propostas tentadoras para se transferir para o Corinthians e o Grêmio, mas brigou com os cartolas do São Paulo, que fixaram seu passe em absurdos 4 milhões de dólares. Meses depois, para sua surpresa, o mesmo São Paulo aceitou negociá-lo a preço de banana com o Cruzeiro, por 500 mil dólares. "Acharam que eu desapareceria de vez disputando o Campeonato Mineiro", afirma. O jogador topou a transferência ao lembrar as palavras do seu pastor. Tudo se encaixava. Ele havia começado a carreira no América mineiro e, segundo a profecia, a redenção profissional viria no momento do reencontro com suas raízes. Começava ali a busca da Copa prometida.

Ao chegar ao Cruzeiro, encontrou um time formado por um punhado de jogadores renegados por seus clubes de origem e uma fornada de jovens talentos. No primeiro treino, o técnico Levir Culpi arrastou o atacante para um canto sossegado da concentração Toca da Raposa e aproveitou para alertá-lo: "Você precisa ganhar um título por aqui para reconquistar o mercado para o seu futebol." Mostrando lampejos do brilhante futebol que exibia em sua melhor fase do São Paulo, Palhinha liderou o time que passou por cima de Vasco, Corinthians e Flamengo. Mas nada seria como a inesquecível vitória diante do badalado Palmeiras.

Tudo parecia dar errado para Palhinha e o Cruzeiro na reta decisiva. Primeiro, o time não passou de um empate em 1 x 1 com o Palmeiras na primeira partida das finais, em pleno Mineirão. Para piorar ainda mais as coisas, o jornal paulista *A Gazeta Esportiva* estampou em manchete uma entrevista em que Palhinha afirmava que seu ex-técnico, Telê Santana, famoso por ser um disciplinador implacável, costumava chegar bêbado à concentração do São Paulo. "Nunca falei isso", irrita-se Palhinha. Telê, porém, declarou depois à imprensa que acreditava no conteúdo da entrevista, mas perdoou o ex-pupilo pela incontinência verbal.

Nesse clima o Cruzeiro entrou no Parque Antárctica para a decisão. Tomou um gol aos 6 minutos e, quando parecia destinado a levar uma sova histórica, ressuscitou em campo e virou a partida, para surpresa de todos. Palhinha, depois de festejar com os companheiros em Belo Horizonte, pegou um avião para São Paulo e foi até a igreja do seu pastor Arlen Vilcinskas. Fez questão de presenteá-lo com a medalha que recebeu de Ricardo Teixeira pela conquista.

"ACHAVAM QUE EU IRIA DESAPARECER DE VEZ JOGANDO NO CRUZEIRO"

19/6/96 PQ. ANTÁRTICA (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 1 X 2 CRUZEIRO
J: Sidrack Marinho dos Santos (SE); **R:** R$ 481 000; **P:** 29 139; **G:** Luizão 5 e Roberto Gaúcho 25 do 1º; Marcelo Ramos 37 do 2º; **CA:** Cleison, Júnior, Cláudio, Sandro, Fabinho, Edmundo e Luizão
PALMEIRAS: Velloso, Cafu, Sandro, Cléber e Júnior; Cláudio (Reinaldo), Amaral, Marquinhos (Cris) e Djalminha; Luizão e Rivaldo. **T:** Wanderley Luxemburgo
CRUZEIRO: Dida, Vítor, Gélson Baresi, Célio Lúcio e Nonato; Fabinho, Ricardinho, Palhinha (Edmundo) e Roberto Gaúcho; Marcelo Ramos e Cleison. **T:** Levir Culpi

Palhinha, consagrado, ao lado do garoto Ricardinho: campeões

A FINAL FOI CONTRA O VILLA NOVA, devido a um regulamento ruim que misturava campeonato e copa. O Villa tirou o Atlético nas quartas-de-final, facilitando a vida cruzeirense

ATAQUE FINAL

Preocupado com a Taça Libertadores, o Cruzeiro ganhou o Campeonato Mineiro poupando energia para a reta de chegada

Se a estratégia de dar prioridade aos torneios nacionais e internacionais desta vez não deu certo com o Grêmio, no Rio Grande do Sul, ela funcionou em Minas Gerais. O Cruzeiro sabe bem disso. Enquanto o Galo usava todo o seu poder de fogo, a Raposa preferia guardar as garras para dar o bote na hora certa. O Cruzeiro foi bicampeão jogando mais da metade do campeonato com o "expressinho". Terminou a fase classificatória em terceiro lugar, nove pontos atrás do Atlético. Quando chegou a fase decisiva, a tropa de elite entrou em campo e, melhor, reforçada pelo retorno do ídolo Marcelo, que estava no PSV, da Holanda. Foi justamente o atacante quem marcou o gol do título. Com o Galo eliminado nas quartas-de-final pelo Villa Nova, o caminho ficou mais fácil. O próprio Villa foi o adversário na decisão. É verdade que o Cruzeiro saiu derrotado no primeiro jogo fora de casa. Mas, empurrado por 75 mil torcedores, não havia como perder o título no Mineirão.

Os longuíssimos campeonatos estaduais seguem atrapalhando a vida dos clubes grandes e iludindo os pequenos, que olham o torneio como sua redenção financeira. O Campeonato Mineiro teve a ridícula média de público de 2 835 pessoas. As primeiras fases são arrastadas para acomodar os clubes pequenos; pouco importa ganhar muitas partidas, fazer campanhas inesquecíveis. O Atlético Mineiro fez bonito no início do campeonato, ficou 16 pontos à frente do Villa Nova. Mas foi o time de Nova Lima que disputou a final contra o Cruzeiro, enquanto o Atlético já estava eliminado nas quartas-de-final. Os defensores dos estaduais argumentam que nada supera um clássico local, nenhuma piada é tão saborosa quanto uma que alfinete o rival. Trata-se de meia verdade. Cada vez mais os clássicos deixam de ser regionais. Um Atlético x Cruzeiro valendo vaga na Libertadores é menos envolvente que uma decisão de título mineiro? O próprio Cruzeiro e o Grêmio já descobriram que é mais rentável guardar os times principais para Libertadores, Supercopa e Copa do Brasil e deixar que equipes mistas resolvam os estaduais.

"O CRUZEIRO FOI BICAMPEÃO JOGANDO MAIS DA METADE DO CAMPEONATO COM O 'EXPRESSINHO'. TERMINOU A FASE CLASSIFICATÓRIA EM TERCEIRO LUGAR, NOVE PONTOS ATRÁS DO ATLÉTICO"

22/6/97 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 1 X 0 VILLA NOVA
J: Marco Antônio Cunha; **R:** R$ 664 087; **P:** 74 857; **G:** Marcelo Ramos 10 do 1º; **CA:** Ricardinho, Jean, Alemão, Vítor, Wílson Gottardo, Wílson e Wander
CRUZEIRO: Dida, Vítor, Wílson Gottardo, Célio Lúcio e Nonato; Fabinho, Ricardinho, Cleison e Elivélton (Donizete); Palhinha (Da Silva) e Marcelo Ramos (Alex).
T: Paulo Autuori
VILLA NOVA: Cláudio, Wílson (Carlinhos), Eleomar, Cláudio Roberto e Wander; Alemão, Jean, Joca (Adão) e Guiba; Kao Bayano (Paulo César) e Mílton.
T: Brandãozinho

Marcelo e Elivelton comemorando contra o Vila Nova

UM PÚBLICO RECORDE PARA FINAIS de copas sul-americanas assistiu à segunda conquista cruzeirense, 21 anos depois, com outro Palhinha no time

A ESTRELA BRILHOU

Apesar do menosprezo dos adversários, das dificuldades da campanha e da briga entre o técnico e o diretor de futebol, o Cruzeiro vence sua segunda Libertadores e chega ao Projeto Tóquio

>> **POR LUÍS ESTEVAM PEREIRA**

O Mineirão tremeu, o Cruzeiro balançou, mas quem caiu foi o Sporting Cristal. O gol do canhoto Elivélton, marcado de perna direita aos 30 minutos do segundo tempo, selou a vitória por 1 x 0 contra o time peruano e garantiu o segundo título da equipe mineira na Libertadores. "O Cruzeiro é um clube danado, está sempre chegando às finais e ganhando títulos", comemora Palhinha, que fez sua despedida do futebol brasileiro. Ele vai ganhar 2,9 milhões de dólares nos próximos três anos defendendo o Real Mallorca, da Espanha.

O técnico do Cristal, Sergio Markarián, vislumbra um possível domínio cruzeirense no futebol sul-americano. "O Cruzeiro também decidiu a Supercopa há menos de um ano, o que pode ser sinal de que uma supremacia esteja começando."

Apesar da campanha pra lá de irregular (sete vitórias, um empate e seis derrotas), o título da Libertadores fez justiça a uma time que superou seus próprios demônios. Cinco dos seus titulares chegaram à Toca da Raposa como "refugos" de outras equipes. O meia Palhinha, o lateral Vítor e o meia Donizete haviam sido enxotados do São Paulo; o volante Fabinho e o zagueiro Gélson foram renegados no Flamengo. "Quando saí do São Paulo, o diretor José Dias disse que a gente ia se dar mal em Minas", conta Palhinha. "No dia em que ganhei a Copa do Brasil, liguei para dar minha resposta a ele."

Quem tinha motivos para dar telefonemas de agradecimento para dirigentes são-paulinos e flamenguistas era o presidente do Cruzeiro, Zezé Perrella. Para o São Paulo, por ter trocado cinco jogadores (os três refugos, mais o atacante Aílton e o zagueiro Gilmar) por dois (o lateral Serginho e o volante Belletti). Para o Flamengo, por ter negociado Fabinho e Gélson pelo volante Pingo (hoje, no Botafogo). "O negócio foi bom para os dois lados", desconversa Perrella, com um sorriso malandro. "Essa fama de negociador esperto tem me atrapalhado em transações com outros clubes."

Apesar do discurso moderno, o Cruzeiro segue uma filosofia arcaica na hora de tratar o treinador. "Não existe técnico bom e time ruim", costuma repetir o presidente. Técnico, para os cruzeirenses, é descartável. A equipe ganhou a Copa do Brasil com Levir Culpi, contratou e demitiu Oscar, venceu a Libertadores com Paulo Autuori e vai decidir o Mundial com Nelsinho Baptista (se ele durar até lá).

Antes da finalíssima, comentava-se que nunca havia sido tão fácil vencer a Libertadores. Afinal, o Cruzeiro não enfrentara os argentinos. Na verdade, tais comentários eram fruto do desconhecimento. Poucas vezes nos últimos anos uma campanha foi tão mal acompanhada pela imprensa, em especial, pela televisão. A Globo, que detém os direitos para exibir a Libertadores, só passou os confrontos entre os brasileiros e a final (menos para São Paulo).

Os torcedores brasileiros — e em especial o técnico Zagallo (ele prefere assistir aos jogos pela televisão, lembra?) — não puderam assim constatar que o zagueiro Gottardo, aos 34 anos, continua jogando o fino; que a dupla de volantes Fabinho e Ricardinho morde e assopra; que Marcelo é um grande goleador; e, principalmente, que o goleiro Dida voltou a ser um dos melhores em sua posição. Mas não tem importância. Em 2 de dezembro, o Cruzeiro vai enfrentar o Borussia Dortmund, tentando o título inédito do Mundial Interclubes.

"TÉCNICO, PARA OS CRUZEIRENSES, É DESCARTÁVEL. A EQUIPE GANHOU A COPA DO BRASIL COM LEVIR CULPI, CONTRATOU E DEMITIU OSCAR, VENCEU A LIBERTADORES COM PAULO AUTUORI E VAI DECIDIR O MUNDIAL COM NELSINHO BAPTISTA (SE ELE DURAR)"

13/8/97 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)

CRUZEIRO 1 X 0 SPORTING CRISTAL

J: Javier Castrilli (Argentina);
P: 95 472; **G:** Elivélton 30 do 2º
CRUZEIRO: Dida, Vítor, Gélson Baresi, Wílson Gottardo e Nonato; Donizete Oliveira, Ricardinho (Da Silva), Fabinho e Palhinha; Marcelo Ramos e Elivélton.
T: Paulo Autuori
SPORTING CRISTAL: Balerio, Julio Rivera, Marengo, Asteggiano e Norberto Solano; Jorge Soto, Erick Torres (Serrano), Garay e Amoako (Carmona); Julinho e Bonnet (Ismael Abrahamson).
T: Sergio Markarián

Wílson Gottardo com a taça que 21 anos depois voltava para o Cruzeiro

CRUZEIRO CAMPEÃO DA TAÇA LIBERTADORES DA AMÉRICA 1976

EM PÉ: Darci Meneses, Piazza, Moraes, Nelinho, Vanderlei e Raul; **AGACHADOS:** Eduardo, Zé Carlos, Palhinha, Jairzinho e Joãozinho

CÉLIO APOLINÁRIO